

# Uma tradução do artigo “Die Makú” de Theodor Koch-Grünberg (1906)

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/  
2179-0892.ra.2017.137323](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.137323)

## Danilo Paiva Ramos e Karolin Obert

🏠 Universidade Federal da Bahia | Salvador, BA, Brasil,  
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil  
✉ [dpaivaramos@gmail.com](mailto:dpaivaramos@gmail.com), [karolinobert@gmx.de](mailto:karolinobert@gmx.de)

## APRESENTAÇÃO

No dia 20 de abril de 1903, o então auxiliar científico do Museu Etnológico de Berlim Theodor Koch-Grünberg deixava a Alemanha rumo ao Brasil para a realização de uma expedição etnográfica à região dos rios Ucayali e Purus. Seu objetivo era a observação da cultura dos povos indígenas do grupo pano e a obtenção de objetos etnográficos para os acervos dos museus. Depois de mais de trinta dias de viagem de Hamburgo ao Brasil, o pesquisador chegou finalmente a Manaus no dia primeiro de junho. O baixo nível das águas e notícias dos conflitos sangrentos entre comerciantes, exploradores da borracha e indígenas deixaram-no apreensivo. Ele optou, então, por postergar sua meta inicial e aventurar-se na região do alto rio Negro, onde posteriormente, tendo desistido definitivamente da viagem ao Purus, realizaria sua expedição etnográfica<sup>1</sup>.

Navegar pelo rio Negro dependia da relação e mesmo da autorização e simpatia dos comerciantes de borracha, denominados “grandes senhores” pelo etnógrafo em uma carta a seu diretor, Karl von den Stein<sup>2</sup>. Koch-Grünberg relata ter conseguido, com muito custo, obter um pequeno barco para percorrer, em companhia de Otto Schmidt, o trecho fluvial entre Trindade e São Gabriel. Inúmeras cachoeiras, ventos fortes e tempestades acabaram por avariar a embarcação e forçá-los a permanecer dias parados numa habitação indígena, até conseguirem um novo barco. Em três semanas chegaram a São Gabriel e prosseguiram até o sítio de São Felipe, onde se instalaram sob a proteção e cuidados do patrão da borracha, Germano Garrido y Otero. O sítio serviu de base para armazenar os equipamentos e também para preparar cartas, informes científicos e

<sup>1</sup> Partes do texto dessa apresentação foram elaboradas inicialmente para a tese de doutorado *Círculos de coca e fumaça: encontros noturnos e caminhos vividos dos Hupd'äh* (Ramos, 2013).

<sup>2</sup> Carta de Koch-Grünberg a Von den Stein, São Felipe, 28 de agosto de 1903.

estudos preliminares. De São Felipe, Koch-Grünberg partiu para suas viagens às regiões dos rios Içana, Ayari, Uaupés e Curicuriary.

Como aponta Kraus (2004), durante a sua segunda saída de São Felipe, Koch-Grünberg fez o reconhecimento do rio Tiquié, um afluente do Uaupés, com a esperança de entrar em contato com os “Maku”. No curso desse rio, visitou muitas comunidades tukano, mas, pelo que conta em seus relatos, não conseguiu chegar às aldeias “maku”. Seu encontro com os “Maku” teria se dado nas aldeias tukano, onde alguns índios “maku” realizavam trabalhos e trocas. Com essas pessoas fez as entrevistas linguísticas a partir das quais elaborou e publicou a primeira lista de palavras de uma língua “maku”. Nas primeiras linhas do artigo “Die Maku”, publicado no ano de 1906 na revista de etnologia e linguística *Anthropos*, o etnólogo descreve os “Maku” da seguinte maneira:

*Entre o Rio Negro e Yapurá perambulam inúmeros índios sem habitação permanente pela floresta. Estes são “índios do matto”, como diz o brasileiro, brutos nômades caçadores, que não têm roça, não conhecem rede e canoa, porém, têm um primoroso conhecimento da floresta. Eles vivem da caça, da pesca e das frutas da floresta. São odiados e perseguidos como os animais silvestres pelas tribos vizinhas superiores e sedentárias. Eles devem servi-los como escravos no trabalho doméstico e na roça e são, vez ou outra, vendidos a troco de espingardas e outras mercadorias europeias para comerciantes brancos (Koch-Grünberg, 1906: 977).*

É com estranhamento que os olhos de alguém que possa ter vivido entre os Hupd’äh ou lido com entusiasmo as narrativas de viagem do grande etnógrafo alemão sobre os povos do alto rio Negro seguem essa descrição dos “Maku”. “Índios do matto” que vagam pela floresta, animais selvagens odiados e perseguidos por tribos sedentárias mais avançadas, toscos que não conhecem as redes e nem as canoas, escravos obrigados aos serviços domésticos e agrícolas são os traços que vão informando ao leitor as características desses povos, que habitavam as regiões do Uaupés, rio Negro e Japurá.

Sobre a obra de Koch-Grünberg, Schaden dirá que “como poucos, soube ver sempre no habitante das selvas o seu semelhante, o ser humano merecedor de profunda simpatia e de grande amizade” (1953: 135). Como explicar, então, essa descrição do viajante sobre os povos “maku”, semelhantes em tudo ao olhar preconceituoso de um eurocentrismo colonialista que, ao negar ao outro a humanidade, justificava as ações de violência, terror e exploração contra essas populações? A tal visão, como afirma Schaden, Koch-Grünberg opôs-se inúmeras vezes buscando sempre explicitar a humanidade dos indígenas e denunciar “os desastrosos efeitos do contato” (Schaden, 1953: 153).

O modo como um discurso acadêmico discriminatório cristaliza-se no

etnônimo “Maku” vem sendo atualmente motivo de intensa crítica política das lideranças Hupd’äh<sup>3</sup>, Yuhupdêh e Dâw aos trabalhos científicos sobre sua vida social e línguas. Num seminário de educação em 2016, professores e lideranças desses povos explicitaram sua revolta e sugeriram aos pesquisadores, assessores e lideranças de outras etnias que deixassem de utilizar o termo “Maku” e passassem a empregar o termo Nadêhup ou Nadêhupy, formados pela aglutinação de palavras para “gente” e “humanos” em cada uma das línguas da família, como uma forma de equacionar o problema. O texto de Koch-Grünberg apresenta pela primeira vez o termo “Maku”, carregado de preconceito, para ser utilizado cientificamente. Analisando os referenciais teóricos e a composição discursiva e ideológica de seu trabalho, será possível entender melhor a gênese de uma perspectiva acadêmica até hoje combatida pelos povos Nadêhup.

Partindo desse estranhamento, gostaríamos de refletir um pouco sobre o modo como esse artigo de 1906 influenciou alguns estudos posteriores e, como a partir de “Die Makú”, o tema da mobilidade passa a ser fundamental para a interpretação do modo de vida dos povos nadêhup. Trabalhado a partir das perspectivas antropológica e filológica, “Die Makú” pode ser tomado também como um esforço paralelo àquele de Franz Boas e demais pesquisadores no sentido de consolidar as bases para estudos linguísticos e antropológicos ancorados no trabalho de campo e na colaboração fundamental entre as duas áreas. Apesar de nos últimos anos ter havido um crescente e fundamental esforço acadêmico de tradução e publicação das obras de Koch-Grünberg com as edições brasileiras de *Dois anos entre os indígenas* (2005), *Do Roraima ao Orinoco* (2006) e *Petróglifos sul-americanos* (2010), o artigo “Die Makú” recebeu apenas recentemente uma tradução para a língua espanhola na coletânea *Viviendo en el bosque* (Becerra, 2010). Entretanto, atenta mais à contribuição à história das ideias antropológicas que linguísticas, a tradução para o espanhol exclui a lista de palavras elaborada e analisada por Koch-Grünberg (1906).

### SOBRE O VIÉS TUKANO

Nas notas ao artigo de 1906, Koch-Grünberg faz referência às obras *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*, do naturalista Alfred Wallace (1889) e *La Région Équinoxiale II*, de Coudreau (1887). Ambos os autores também viajaram pela região e fizeram apontamentos em seus livros sobre os povos “maku”. Referência para o artigo de Koch-Grünberg, Coudreau tem em seus trabalhos a influência do pensamento evolucionista do século XIX. O naturalista buscava, nesse sentido, diferenciar, dentre os inúmeros povos indígenas, aqueles que seriam os descendentes dos conquistadores e aqueles que seriam primitivos e conquistados. Isso fica claro quando o cronista afirma que os “Maku” eram vestígios de

3 Os Hupd’äh habitam a região do alto rio Negro (AM) na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. Suas aproximadamente 35 aldeias distribuem-se pela área interfluvial dos rios Tiquié e Papuri, ambos afluentes da margem esquerda do rio Uaupés. As estimativas apontam uma população total de aproximadamente 1.500 indivíduos (Athias, 2006; Epps, 2005). A língua Hup pertence à família linguística Nadêhup, junto às línguas Yuhupdêh, Dâw e Nadêb (Epps e Bolaños, 2009). Os Yuhupdêh estão distribuídos ao longo do rio Tiquié nas áreas interfluviais. A primeira concentração se encontra no igarapé Ira e Cunurí, próximos à foz do Tiquié. A segunda se encontra no médio Tiquié, nos igarapés Samaúma e Castanha. Uma terceira concentração se encontra no médio Tiquié. Existe ainda uma concentração no rio Apapóris, nas proximidades de Vila Bittencourt. A população é estimada em 754 no lado brasileiro da fronteira e 250 pessoas do lado colombiano da fronteira (Maecha et al., 2000 apud ISA, 2017). Os Dâw habitam a comunidade de Waruá localizada no perímetro urbano de São Gabriel da Cachoeira – AM. A população é estimada em 121 pessoas (Siasi/Sesai, 2014 apud ISA, 2017).

uma raça aborígine reduzida à escravidão por tribos conquistadoras (Coudreau, 1853: 163). Nas palavras de Münzel:

*Destarte, os Makú recebem o papel de “missing link” na pirâmide evolucionista. Visto que sempre os povos superiores e mais bonitos conquistaram e escravizaram os inferiores, os Makú – de fato escravizados por outros índios – devem ser inferiores e, para Koch-Grünberg, mais feios. Visto que deve haver, na pirâmide, uma base de gente feia e primitiva, próxima dos animais, os Makú devem constituir essa base (1969: 145).*

Para o Münzel (1969), com as melhores descrições etnográficas sobre os povos da região do rio Negro, que começaram a ser produzidas já no século XIX, passa a ser difícil vinculá-los à imagem de semianimais. De modo distinto, o pouco conhecimento etnográfico sobre os “Maku” continuava, para Münzel, a autorizar tal tipo de visão sobre esses povos. Aos olhos de Koch-Grünberg, a animalidade dos “Maku” passava, assim, pela percepção de seu nomadismo, pelo modo de fala, pela feiura da aparência física e pelo fato de serem os primeiros habitantes da região, posteriormente conquistados, assimilados e/ou escravizados por civilizações mais avançadas.

Como ressalta Münzel (1969), a impossibilidade de contato direto com comunidades “maku” e a impossibilidade de comunicação direta com os indivíduos “maku” que se encontravam junto aos Tukano fizeram com que o pesquisador tomasse como referência as falas e visões de pessoas de outras etnias para elaborar seus apontamentos sobre os “Maku”. Os aspectos negativos revelam um complexo jogo especular na oposição entre esses “índios do matto” e seus vizinhos, povos sedentários, que serão denominados mais tarde como “índios do rio” (Emest, 2010; Athias, 1995; Silverwood-Cope, 1990; Reid, 1979). Da perspectiva dos índios tukano, por exemplo, o modo de vida “maku” é tomado como modelo do não-humano e do animalesco. Para esse povo, os “Maku” habitam a floresta, não têm moradia fixa, não possuem conhecimentos sobre rituais nem ornamentos, casam-se com aqueles que falam a mesma língua, incestuosamente, “não comem senão carne, caçam no escuro e andam sem trilhas” (Silverwood-Cope, 1990: 72). Também são vistos como “canibais”, tanto por não respeitarem as interdições alimentares dos “índios do rio”, como por caçarem e comerem seres humanos (Jackson, 1983: 153). O povo que “anda sem trilhas”, “caça no escuro”, “não planta” e “não tem habitações fixas ou rituais” parece delinear-se aos olhos tukano como marcado por um modo de vida no qual a mobilidade se coloca como um fator diacrítico central.

Em “Die Maku”, os apontamentos sobre o estudo da língua “maku” deixam claro que a interação do pesquisador não se deu com grupos de etnias “maku”,

mas apenas com indivíduos que, no período da viagem, encontravam-se em aldeias tukano. Koch-Grünberg, ao utilizar o termo “Maku”, afirma que essa palavra se origina das línguas arawak, constitui uma grave injúria e é uma forma de referir-se a grupos indígenas específicos que, para ele, teriam como marca contrastiva o fato de serem nômades (Koch-Grünberg, 1906: 29). Mais tarde, os pesquisadores mostrarão que a palavra “Maku” se origina das línguas arawak e significa “sem língua” (ma = privativo e aku = palavra) (Journet, 1995; Athias, 1995; Becerra; Calvo; Rubio, 1996). Ciente da negatividade do termo “Maku”, o etnógrafo alemão mostra entender o modo injurioso e discriminatório com que os outros povos tratavam os “Maku”. Em seu escrito, a convergência da imagem dos “Maku” como “semianimais”, restrita a certos povos indígenas, à tese evolucionista em voga no meio acadêmico aponta para a identificação do pesquisador com certo “ponto de vista nativo”. Isso não se dá apenas na reprodução passiva do discurso, mas também na busca por dados empíricos que comprovem que os “Maku” seriam de fato um povo nômade e inferior. Para tanto, o etnógrafo oferece a seguinte descrição de uma suposta aldeia “maku”:

*Em fevereiro 1904, na minha viagem no Curicuriary, infelizmente não encontrei esta gente da floresta. Entretanto descobri, nas profundezas da floresta, perto das montanhas de mesmo nome, dois acampamentos abandonados, muito primitivos. Eles consistiam de inúmeros abrigos que chegavam apenas a altura de um homem.*

*Alguns paus eram enfiados na terra em forma piramidal e cobertos com galhos. Nesses refúgios miseráveis, que realmente não merecem o nome de abrigo, vive o Makú com a sua frequentemente numerosa família, exposto às inclemências do tempo como o animal silvestre da floresta (Koch-Grünberg, 1906: 879).*

Qualquer um que aceite um convite de uma pessoa hup para uma incursão à caça ou à pesca verá na descrição acima a arquitetura de um acampamento temporário para a realização dessas atividades, e não a morfologia de uma “aldeia maku”. Mas, aos olhos de Koch-Grünberg, a observação do acampamento de caça ou pesca, tomado como aldeia, fornece a prova de que os “Maku” vivem em “refúgios miseráveis” com suas famílias numerosas, “exposto às inclemências do tempo como o animal silvestre da floresta” (Koch-Grünberg, 1906: 879). Como visto acima, os “Maku” são adjetivados como aqueles que “andam vagando”, que são perseguidos como “animais selvagens”, “nômades”, que “andam errantes”, e que “conhecem a floresta como a palma de suas mãos” (Koch-Grünberg, 1906: 29). Em todo o artigo, essas caracterizações vão reforçando a imagem dos “Maku” como um povo de grande mobilidade. Se, por um lado, a mobilidade permite a eles o desenvolvimento de excelentes dotes para a caça e grande conhecimento

da floresta, por outro, essa mesma mobilidade, conceitualmente denominada “nomadismo” pelo autor, representa a face negativa de um espelho no qual as “tribos sedentárias” surgem como modelo de belo, bom, avançado e humano. Como na imagem constituída pelos Tukano, é também através da ênfase nos aspectos de um *princípio global de mobilidade* dos “Maku” que o etnólogo vai concebendo sua representação. A partir disso, o que Koch-Grünberg propõe é uma espécie de “teoria da dominação”, que encontra nas oposições entre agricultores *versus* caçadores-coletores e nômades *versus* sedentários as bases para a interpretação das relações entre esses diferentes povos como relações de “senhor e escravo”. Retomando o primeiro excerto citado acima, num dado momento o autor afirma que as tribos sedentárias “Eles devem servi-los como escravos no trabalho doméstico e na roça e são, vez ou outra, vendidos a troco de espingardas e outras mercadorias europeias para comerciantes brancos” (1906: 877).

Para a compreensão desse excerto, é preciso ter como referência o contexto histórico da exploração da borracha, que fazia com que comerciantes brancos escravizassem grupos indígenas. Através de um estudo minucioso dos textos de cronistas, Becerra, Calvo e Rubio (1996-1997) reconstituem historicamente os usos do termo “Maku”, que aparece já em documentos do século XVII através do termo genérico “macos”, referindo-se a órfãos trocados entre grupos locais e depois comercializados com europeus, e a escravos indígenas da região do Alto Orinoco (Becerra, Calvo e Rubio, 1996-1997: 100). Para os autores, o emprego do termo “makú” nos séculos XVII e XVIII teria como referência o sentido de “sem parente” ou de “apartado de seu grupo”. Os grupos derrotados nas batalhas contra os europeus ou capturados por outros grupos indígenas eram chamados de “maco” – aqueles que começaram a constituir a mão de obra escrava. Em meio à exploração da borracha por comerciantes e à ativação do sistema escravista na região do Uaupés, aqueles que eram vistos como inferiores se transformaram em escravos vendáveis, passíveis de captura, denominados “Maku” (Becerra, Calvo e Rubio, 1996-1997: 102).

Como conta Münzel (1969), grupos “maku” eram ora recrutados para caçar e apresar índios de outros grupos, ora vítimas nessas “caçadas aos escravos”, fomentadas pelos comerciantes e patrões da borracha. Para o autor, a participação dos “Maku” nessas caçadas pode tê-los levado a uma “vida menos tranquila” devido a um aumento em sua mobilidade. Entretanto, no trabalho de Koch-Grünberg, os “Maku” são os cativos dessas “caçadas aos escravos”, e não os caçadores. A unilateralidade desse movimento do texto reforça uma espécie de “teoria da dominação”, que identifica os “Maku” aos nômades conquistados, e as “tribos sedentárias” aos invasores dominadores. Nesse sentido, a visão de Koch-Grünberg como filólogo sobre a língua “maku” corrobora a afirmação da subordinação e inferioridade dos “Maku”.

Numa nota ao artigo de 1906, comentando uma lista de palavras elaborada pelo viajante austríaco Johann Natterer, em 1831, sobre a língua dos Anodöub-Maku, do rio Téia, o pesquisador faz referência à palavra /yehub/, que significaria “gente”, na língua dos “Maku” do rio Tiquié. A proximidade entre a palavra descrita como /yehub/ e a atual grafia do etnonimo Yuhupdëh permite ver que os poucos interlocutores “Maku” do etnógrafo em sua viagem ao rio Tiquié pertenceriam aos grupos Yuhupdëh e talvez também aos Hupd’äh. Silverwood-Cope afirma que teria sido dos Hupd’äh que Koch-Grünberg obteve “informações observadas em primeira mão”, tendo também elaborado uma lista de palavras a partir de conversas com os Bara-Maku (Kakwa) (1990: 14). São principalmente esses dois povos, Hupd’äh e Yuhupdëh, que ocupam há gerações as regiões interfluviais entre os rios Papuri e Japurá. Entre os povos Nadëhup, os Hupd’äh, os Yuhupdëh e os Kakwa são aqueles que mantêm relações mais intensas com os povos tukanos do Tiquié e Papuri, já que os outros povos vivem em territórios mais afastados de populações tukanos e arawak (Athias, 1995). Além desses, como mostra Athias, a viagem pelo rio Curicuiary permitiu a aproximação aos Dâw, habitantes dessa região na época (1995: 11).

#### UMA TEORIA POLÍTICA DA DOMINAÇÃO

Com os “Maku” do Tiquié, o filólogo realizou, como diz, as “torturantes” seções de trabalho linguístico, que proporcionaram, através de grande esforço dos entrevistados, as primeiras listas de palavras sobre as línguas “maku”, já que a lista do viajante austríaco se perdeu. Koch-Grünberg descreve essas entrevistas dizendo que “As palavras são articuladas de maneira muito *incompreensível* e, por conta das terminações consonânticas, são soltas de maneira curta, quase tímida, quase hesitante, animalesco como a índole desses inferiores habitantes da floresta” (ênfase original, Koch-Grünberg, 1906: 34). A elaboração da primeira lista de palavras em língua “maku” relaciona-se também à busca por formular, em termos científicos, a hipótese da ocupação inicial do Noroeste Amazônico por povos ancestrais dos “Maku”. Esses possuíam diferentes línguas e teriam sido “fusionados” pelos povos invasores e dominadores. Talvez, para o filólogo, os comentários sobre as “línguas feias” tenham a ver com sua proposição sobre o fato da fusão dos povos ancestrais ter levado também à fusão e redução da variedade linguística dos “Maku” (Koch-Grünberg, 1906: 30). Num determinado momento do artigo, a hipótese sobre a ocupação da região é formulada da seguinte forma:

*Isso pode ser explicado pelo fato de que a quantidade atual dos Makú representa um conglomerado de restos de tribos com línguas distintas que, em*

*tempos anteriores, possuíram exclusivamente a área toda. Esses primitivos autóctones foram concentrados aos poucos e incorporados entre os Aruak, invasores do norte e noroeste, e entre as tribos do grupo Betoya, vindo mais tarde do oeste e sudoeste. (1906: 882).*

Como mostram Becerra, Calvo e Rubio (1996), Koch-Grünberg formula hipóteses sobre as rotas de ocupação do Noroeste Amazônico, tomando como base a análise dos nomes dos rios da região. Suas proposições são referendadas mais tarde por Nimuendajú (1982), que reapresenta a hipótese dos “primeiros habitantes” da seguinte maneira:

*A primeira população destas terras parece ter sido formada por ora das poucas numerosas de uma cultura extremamente rudimentar, desconhecendo a princípio a cerâmica, a arte têxtil, a navegação, a lavoura e as construções permanentes, levando uma vida errante pelos centros da mata. Hoje os seus representantes, os pacíficos Maku dos centros, entre os afluentes grandes do Uaupés e Xiriána, em parte hostis nos sertões da margem esquerda do mesmo rio, já se acham profundamente influenciados pela cultura da segunda camada, da qual porém se conservam até hoje nitidamente separados (ênfases minhas, Nimuendajú, 1982: 169).*

Nessa versão, o desconhecimento da navegação, da lavoura e das construções permanentes levam Nimuendajú a continuar a composição da imagem dos “Maku” a partir da mobilidade. As toponímias e as urnas funerárias arawak são dados apresentados para comprovar a “primeira onda migratória”, que fez com que grupos arawak, vindos do norte, ocupassem a região, impondo-se sobre os “Maku” preexistentes (Nimuendajú, 1982: 169). Posteriormente, o padre Bruzzi Alves da Silva defenderá que a expressão /Dya Poxsa/, “rio dos Maku”, modo como os povos da região designam esse rio, seria uma prova da ocupação primeira desses povos, posteriormente afastados das margens para os interflúvios por pressão dos Arawak e Tukano (Silva, 1962: 10).

A hipótese sobre os “primeiros habitantes” da região do Noroeste Amazônico é formulada inicialmente por Coudreau (1887). O viajante via nos ancestrais dos “Maku” populações primitivas com tecnologia rudimentar que teriam inicialmente ocupado a região. Grupos que possuíam tecnologias mais avançadas teriam, posteriormente, invadido a área e escravizado os “Maku”. Stradelli (1890), que se refere aos “Maku” como “a raça escrava” e “os antigos senhores da terra”, também é evocado por Koch-Grünberg para sua composição da imagem dos “primeiros habitantes”.

Além dos nomes dos rios, a “configuração das tribos” permitiria deduzir que

os “Maku” constituem uma mescla de povos de diferentes línguas, comprimidos e fusionados pelos Arawak e Betoya invasores. Esse seria, portanto, um dado importante para comprovar o modo como ocorreu a subordinação dos “Maku-nômades” aos povos denominados por Koch-Grünberg como “tribos sedentárias”. Uma segunda contraposição entre nômades e sedentários ocorre quando o autor propõe que os Guaríua-Tapujo, habitantes da região do Japurá, seriam erroneamente designados “Maku”, pois possuíam “casas grandes y bien construídas, belas plantaciones y una certa cultura” (Koch-Grünberg, 1906: 31). Seriam, assim, diferentes dos “Maku-nômades”, habitantes da região do rio Negro, que se moviam constantemente e estariam sempre em contenda com os Guaríua. Desse modo, seja na invasão da região por povos sedentários e agricultores, seja nos conflitos entre esses diferentes “Maku”, a oposição entre nômades e sedentários parece sempre envolver a questão política do conflito entre os primeiros, supostamente inferiores, e os segundos, mais desenvolvidos.

Tomando como base o artigo de Koch-Grünberg, escrito após ter convivido com algumas famílias dos então chamados “Maku-Mansos” do Japurá, o padre Tastevin (2008) escreve o artigo “Os Makú do Japurá”, texto em que aborda esse grupo, que o etnógrafo alemão não considerava “Maku”. O padre parte de uma categoria abrangente dos “Maku” no interior da qual opõe os “Maku-Guariba” e os “Maku-Mansos”. Tomando como referência o relato de seringueiros que, em meio a uma expedição de represália aos “Maku-Guariba”, depararam-se com duas malocas e roças grandes, Tastevin delineia uma imagem desse grupo muito próxima às descrições das populações sedentárias e agricultoras. São, por outro lado, “índios bravos” que “manifestam-se aos civilizados através de assassinatos, roubos, raptos e incêndios” (Tastevin, 2008: 79). De modo diferente, os “Maku-Mansos” do Jurubaxi seriam inferiores, por possuírem pequenas roças, por serem “apaixonados pela caça” e por retomarem o “caminho da floresta” quando se veem contrariados (2008: 86-88). Tastevin ressalta, ainda, que os “Maku-Mansos” buscam diferenciar-se dos outros autorreferindo-se pelo etnônimo Nadöpa e denominando os Guariba como Nadöb. Para o religioso, os “Maku-Mansos” teriam possuído anteriormente malocas e grandes roças, mas perderam esses traços de sedentarismo e de maior grau de civilização.

Métraux (1963), em *The Hunting and Gathering Tribes of the Rio Negro Basin*, partindo dos trabalhos de Koch-Grünberg e Tastevin, reformula de modo interessante a hipótese sobre os “primeiros habitantes”. Os grupos “maku” atuais seriam os sobreviventes (*surviving*) das populações que ocuparam primeiramente a Bacia Amazônica, tendo sido em seguida exterminados e assimilados pelos Carib, Arawak e Tukano. Esses “povos de cultura mais avançada na agricultura” teriam-nos escravizado ou reduzido à servidão. Mas, para Métraux, os “Maku” conquistados não seriam necessariamente nômades. Ele ressalta haver dois

tipos de povos “maku”. De um lado, estariam os nômades da região do Caiari-Vaupés, e, de outro, os “Maku-Guariba”, habitantes da região localizada entre os rios Negro e Japurá, que seriam bons agricultores. Esses possuiriam grandes plantações e habitariam casas comunais. O contraponto entre os dois tipos de povos “maku” – de um lado, os nômades caçadores-coletores, de outro, os sedentários agricultores – dá subsídio à comprovação das ideias sobre a “decadência dos povos maku” após o contato estabelecido com os não indígenas. Os “Maku” descritos por Koch-Grünberg, nômades, com suas cabanas e plantações pequenas, seriam os representantes inferiores e decadentes de uma cultura anterior e ainda presente nos “Maku-Guariba”, baseada na agricultura, no sedentarismo e em casas comunais. Se a chegada dos Tukano e dos Arawak escraviza e/ou extermina os “Maku”, o contato com os brancos torna-se o motivo para a decadência de uma cultura sedentária e agrícola, transformada em uma cultura nômade de caçadores-coletores.

É possível dizer que a reformulação da hipótese dos “primeiros habitantes”, feita por Métraux, se valha da diferenciação já apresentada por Koch-Grünberg, mas considerando-se, de modo mais amplo, os dois grupos, “Maku-Guariba” e “Maku-Nômades” como pertencentes aos “Maku”. Os primeiros são designados por Métraux como agricultores sedentários, enquanto os segundos figuram como nômades. Dessa maneira, o modo como Métraux concebe a “hipótese de decadência” dos “Maku” pelo contato parece ser um desenvolvimento da contraposição inicial proposta por Koch-Grünberg, acrescida das observações de Tastevin.

Afirmando e descrevendo os dados da *mobilidade* e do *nomadismo* dos “Maku”, Koch-Grünberg os opõe aos “povos sedentários e mais evoluídos”, apresentando negativamente elementos como o vagar, as residências pequenas, a falta de canoas, o dormir no solo, para caracterizar sua inferioridade e anterioridade atuais, mas, ao mesmo tempo, seu domínio anterior num vasto território que eles conheciam “como a palma da mão”. Para Koch-Grünberg, ainda que negativa na constituição da imagem contrastiva aos povos sedentários, a *mobilidade* é um traço constitutivo do modo de vida “maku”. De modo diferente, para Métraux, apenas recentemente a mobilidade passa a se constituir como atributo característico desses povos. Para Koch-Grünberg, pensar sobre a *mobilidade* dos “Maku” estava diretamente ligado à reflexão política sobre a dominação dos grupos sedentários sobre os nômades e, por isso, talvez fosse necessário refutar a possibilidade de grupos “maku” com grandes roças e malocas.

Assim, retomando o artigo de 1906, a reformulação da hipótese de Coudreau sobre os “primeiros habitantes” da região baseada em dados linguísticos e populacionais pode ser vista como uma elaboração a partir da observação empírica de um problema que, como mostra Münzel (1969), vinha sendo elaborado pelos

viajantes numa perspectiva apriorística. Desde os relatos de padres, como Bruzzi Alves da Silva, até as proposições de Métraux, passa a ser fundamental não só a referência à análise de Koch-Grünberg para a reflexão sobre os movimentos migratórios das populações da região, mas também a apresentação de dados empíricos e comparativos para o embasamento das proposições.

Tentando compreender a dissonância de “Die Makú” com relação a outros escritos de Koch-Grünberg, Münzel argumenta que fora “justamente a amizade pelos indígenas, a capacidade de sentir com eles, que pôde levar o pesquisador sensível a desprezar os Maku” (1969: 146). No entanto, ouvindo e reproduzindo certa visão dos Tukano, Desano e Tuyuka sobre os “Maku”, Koch-Grünberg não estava apenas mesclando, de modo ingênuo, sua simpatia e sensibilidade pelos indígenas com os argumentos evolucionistas dos naturalistas e teóricos que influenciaram sua formação. Estava também gestando uma forma de olhar, um determinado modo científico e evolucionista de observar os povos “maku”. Temas como os “primeiros habitantes do Noroeste Amazônico”, o “nomadismo”, a relação “patrões e escravos” e a “língua maku”, que ganham reformulações ao longo do desenvolvimento de pesquisas etnográficas, como mostra o trabalho de Becerra, Calvo e Rubio (1996), fazem-se presentes e subordinados ao rigor científico e às reconhecidas qualidades de análise desse pesquisador alemão, que, após sua expedição ao alto rio Negro, ganhou notável renome no meio acadêmico. O próprio fato de apresentar todos esses temas reunidos para constituir a imagem de um povo nômade já demonstra a especificidade desse texto que, apesar de seu tom depreciativo e preconceituoso, torna-se uma espécie de ponto de partida para as observações dos pesquisadores que o sucederam.

Marcado por um discurso racista que torna difícil a leitura atual do texto de Koch-Grünberg, seu artigo constitui uma forma de olhar para os povos “maku” que estabelece a descrição de aspectos de mobilidade e a comparação com o modo de vida dos povos tukano como procedimentos analíticos relevantes para a interpretação. Como mostra Marques, é como *figuras de movimento* que os povos “maku” serão percebidos pela literatura etnológica em contraste com um *fundo de fixidez* estabelecido pelos povos tukano (Marques, 2009: 10).

Diferente de Münzel, suponho que seja justamente o fato de Koch-Grünberg estar identificado com a visão dos “povos do rio” sobre os “Maku” que o faça buscar na teoria e nos dados meios de comprovar essa visão que revela a humanidade, o domínio territorial e a superioridade de uns em detrimento dos outros. Em interação constante com os Nadëhup, os Tukano percebem a mobilidade desses como um traço diacrítico total para contraporem-se identitária, política e cosmologicamente a esses povos. O modo como os Tukano, Desano, Tuyuka referiam-se aos “Maku” fez com que o etnógrafo percebesse a questão da mobilidade como sendo um aspecto fundamental à compreensão do modo

de vida dos Nadëhup. Como será possível verificar nos trabalhos de antropólogos posteriores, o foco na mobilidade possibilitará a Peter Silverwood-Cope (1990) e Howard Reid (1979) uma profunda crítica etnográfica aos paradigmas evolucionistas que vinham informando o modo de reflexão científica sobre os povos nadëhup. Refletindo com Descola (2005), é possível dizer que os aspectos de mobilidade descritos por Koch-Grünberg definem um modelo de natureza e cultura no qual os “Maku”, dadas suas práticas, estão imersos na natureza e têm os Tukano como contraponto de cultura, devido aos seus costumes sedentários, rituais, normativos, linguísticos e habitacionais. Legitima-se a dominação de um povo pelo outro da mesma forma que se defende o avanço da cultura sobre a natureza, de sedentários sobre nômades.

### SOBRE A TRADUÇÃO

Traduzir uma obra de um etnógrafo e filólogo mostrou-se um desafio muito grande. Nosso objetivo não foi o de produzir uma substituição do artigo em alemão para uma versão portuguesa, mas sim a manutenção do discurso de Koch-Grünberg, uma vez que a pretensão de equivalência é impossível por vários motivos. Sendo assim, optamos por uma *tradução filológica* segundo a tipologia de Reiß (1995: 21), procurando explicar o sentido do texto sem forçar a equivalência na língua alvo. Sua função é entendida como uma explicação da língua, cultura e pensamento do autor da cultura fonte sem ter a pretensão de produzir uma adaptação de normas do contexto sociocultural do leitor da cultura alvo. Focamos assim a manutenção da equivalência *conotativa*, pois isso garante a manutenção das associações do autor, os significados culturais e a manutenção do sentido sociocultural de lexemas, frases e do texto em si, uma vez que, por exemplo, escolhas lexicais do autor demonstram uma posição ideológica do mesmo (cf. Lewandowski, 2004: 460). Essa posição ideológica se mostrou através do tom preconceituoso do Koch-Grünberg frente a esses povos. É aqui onde enfrentamos o maior conflito dessa tradução em traduzir expressões como *rohe Gesichter*, “rostos cruéis” ou *zahme Individuen*, “indivíduos mansos”, referindo-se aos povos “maku”.

O que se destaca é a escolha de adjetivos que, na língua alemã, são predominantemente usados para se referir aos animais tais como *zahm* (manso), *scheu* (tímido – somente para animais) ou *wild* (selvagem). Com objetivo de manter esse tom particular na tradução para o português brasileiro, e com receio, tentamos procurar correspondências para esses adjetivos que, sem dúvida, causarão estranhamento ao leitor. Ressaltamos novamente que o objetivo não foi o de substituir simplesmente essas expressões, mas sim a tentativa de manter a especificidade e precisão semântica que Koch-Grünberg mostra nos seus relatos.

Além disso, surgiram mais questões durante o processo da tradução que gostaríamos explicar brevemente aqui, a fim de facilitar a leitura.

Uma delas foi a questão do *Zeitgeist*, uma vez que tratamos um documento que foi escrito em um alemão do início do século passado. Isso se mostrou principalmente em construções sintáticas pouco frequentes do alemão contemporâneo, que surpreendentemente não se mostrou como grande problema, uma vez que, na distância linguística entre a língua alemã e a portuguesa, já pode ser observada uma reestruturação de várias sentenças que, traduzidas da mesma maneira, levariam a construções de difícil compreensão. Sendo assim, optamos em vários casos por substituir construções hipotáticas por construções mais paratáticas<sup>4</sup>.

Sobre as características tipográficas e estruturais, por exemplo, decidimos deixar a tradução tão próxima ao original quanto possível, uma vez que se trata de um documento histórico. Isso inclui a manutenção da divisão em parágrafos, recuos, espaços e grifos. Sendo assim, o leitor encontrará, por exemplo, o ponto de interrogação depois de algumas palavras na lista de palavras como em: “(Harpia?)”, tal como inserção de Koch-Grünberg. Desse modo, mantemos também a forma de citação de outros autores no texto e conseqüentemente o modo de providenciar as referências bibliográficas em forma de notas de rodapé<sup>5</sup>. Nomes próprios como topônimos, a ortografia dos etnônimos e a nomenclatura de espécimes botânicas foi tratada da mesma maneira para explicitar o valor histórico desse documento e a dimensão de diálogos intertextuais com a produção científica etnológica e filológica da época. Na primeira página do artigo, Koch-Grünberg usa por exemplo a expressão “índios do matto” em português, cuja ortografia seria errada do ponto de vista contemporâneo, porém tal grafia foi mantida na tradução. Por outro lado, apareceram alguns conceitos que não podiam ser mantidos, uma vez que a tradução literal causa expressões questionáveis. Um exemplo é a palavra *Zauberarzt* que literalmente seria “médico mágico” ou *Hauptling* “cabeça” ou “chefe”. Substituímos essas palavras por *pajé*, que possui denominação da origem tupi, e por *cacique*, que supostamente tem origem castelhana, por serem mais recorrentes no português brasileiro.

Essa observação nos leva a uma parte da tradução que ressalta o valor desse artigo principalmente para as áreas da linguística e da antropologia, uma vez que este registro é considerado por Epps e Bolaños (2015) como a primeira indicação da existência de uma relação entre as línguas “maku”. A lista de palavras, que hoje corresponde hoje à lista do Swadesh<sup>6</sup>, inclui o vocabulário básico de três línguas. Nessas listas, Koch-Grünberg refere-se às línguas como “*Makú do Rio Curicuriarý*” correspondendo à língua dâw, “*Makú do Rio Tiquié*” correspondendo à língua yuhup e “*Makú do Rio Papurý*” correspondendo à língua kakua. No que diz respeito a essa última língua, análise recente de Epps e Bolaños (2015) mostra

4 Parataxe e hipotaxe representam duas formas opostas de organização sintática. Na língua alemã, uma construção hipotática é um recurso estilístico recorrente em textos em prosa e corresponde a uma sequência de orações subordinadas. Em oposição, uma construção paratática corresponde a uma coordenação de orações principais.

5 Para auxiliar o leitor, a numeração original das notas de rodapé é sempre indicada no início da nota correspondente.

6 A lista de Swadesh é um instrumento importante para a comparação entre línguas a fim de estabelecer a proximidade ou distância genealógica. Trata-se de um vocabulário básico considerado “comum” a todas as línguas incluindo, por exemplo, pronomes pessoais, números, partes do corpo, cores, verbos básicos e verbos entre outros contando no total 100 itens.

que a língua kakua não mostra uma relação com as línguas da família “maku”. É interessante notar que, de certo modo, a separação proposta por Koch-Grünberg (1906: 882) já aponta para uma distância da língua nesse sentido. A partir de vários cognatos no vocabulário básico, o autor conclui a relação genética entre essas línguas que se mostra também em uma comparação do inventário fonêmico das mesmas distinguindo-as das línguas tukano e arawak. Além disso, Koch-Grünberg oferece uma breve comparação do inventário gramatical dessas línguas, dividido por ele em pronomes e algumas classes de afixos, composição de palavras e classes de palavras como, por exemplo, as onomatopeias.

Para o leitor atual, uma das principais dificuldades consiste aqui no fato de que não é sempre que Koch-Grünberg explicita de qual língua um determinado item lexical ou gramatical é retomado. Outra dificuldade apresenta-se na transcrição de dados proposta pelo autor. Um exemplo disso se mostra na página 900, onde ele descreve o inventário dos pronomes pessoais, provavelmente da língua yuhup, no qual ele coloca como pronome da segunda pessoa singular a forma *ámni* incluindo o verbo *ni* “ser/estar”. Porém, em geral, o autor tem o cuidado de informar o leitor ao longo do texto sobre suas incertezas em relação a certas análises.

Por fim, vale ressaltar novamente o grande valor e a importância dessa obra para o estudo dos povos dessa região. Como tradução avaliamos essa obra como um grande desafio e, ao mesmo tempo, um exercício na manutenção de um certo “tom” na passagem de uma língua-cultura para outra.

---

## “OS MAKÚ”

Dr. Theodor Koch-Grünberg  
(com cinco fotos do autor)<sup>7</sup>

Entre o rio Negro e Yapurá perambulam inúmeros índios sem habitação permanente pela floresta. Estes são “índios do matto”, como dizem os brasileiros, brutos caçadores nômades, que não têm roça, não conhecem rede e canoa, porém, têm um primoroso conhecimento da floresta. Eles vivem da caça, da pesca e das frutas da floresta. São odiados e perseguidos pelas tribos vizinhas, superiores e sedentárias, como se fossem animais silvestres. Eles devem servi-los como escravos no trabalho doméstico e na roça e são, vez ou outra, vendidos a troco de espingardas e outras mercadorias europeias para comerciantes brancos.<sup>8</sup> Na escravidão, eles recebem um tratamento relativamente bom, um tanto compassivo. Chama-se este “povo de hilotas”, como Ehrenreich os designa apro-

**7 Nota do tradutor:**  
Originalmente a publicação apresenta ainda cinco fotos do autor que não serão reproduzidas aqui.

**8 Nota rodapé 1, p. 877:**  
A. Wallace: A narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, 508/509. London, 1853. H. Coudreau: La France Équinoxiale, II, 179, Paris, 1887.

priadamente<sup>9</sup>, “Makú”; uma palavra que pertence às línguas Aruak dos arredores e que é considerada como um forte insulto. As tribos Tariána e Aruak do Içana chamam estes índios em suas línguas *makū* ou *mā ku*. Os Tukáno chamam-nos *poxsēā*, os Uanána *poxsá*, os Kobéua *boróa*.

Os Aruak, invasores e culturalmente muito superiores, agrupavam todas estas tribos com as quais entraram em contato hostil sob o nome *Makú*, que aos poucos entrou na linguagem corrente e, com isso, na literatura. “Provavelmente ele será”, diz Martius já, “dado sem consideração pela origem para aqueles que, como os Mura, sendo inimigos de todos os índios sedentários, vagam e são perseguidos por eles”.<sup>10</sup>

De fato, entende-se por este nome coletivo um número de hordas com línguas muito divergentes, que não encontram afinidade em parte alguma na América do Sul e representam um grupo absolutamente novo. Gostaria de considerar todas essas hordas inferiores como os restos de uma classe social originária que muito se distinguem fisionomicamente das outras tribos da região, mostrando também um caráter cultural arcaico e estendendo-se em uma área enorme.<sup>11</sup> Coudreau diz sobre eles “Ce sont probablement les vestiges d’une ancienne race aborigène réduite en esclavage par les tribus conquérants: Tarianas, Tucanos, Uananas, Banivas”. Stradelli chama-os “la razza schiava, l’antica signora dela terra”.<sup>12</sup>

Exceto esses Makú, que até hoje mantinham seus modos de vida, costumes e língua, encontram-se ainda tribos menores espalhadas entre a população restante, que segundo os vizinhos, vagueavam sem habitação permanente e falavam “línguas feias”. Foram oprimidos e tornados sedentários pelas tribos invasoras e adotaram aos poucos a língua do vencedor. Assim, temos, no Alto Caiarý-Uaupés e seu afluente esquerdo Cuduiarý, os Bahúna ou Bahókõoa (fig. 1.), os Balóáua (fig. 2.) e outros, que hoje falam somente Kobéua, porém me foram apresentados como os “Makú anteriores” pelos Kobéua puros. Do mesmo modo agem os Katapolitani do Médio Içana e os Huhúteni do Aiary, seu afluente direito, que hoje são Aruak conforme a língua, embora demonstrem uma notável semelhança física com os Bahúna e os Makú. Em toda a margem direita do Baixo Rio Negro, especialmente nos afluentes: Yarubaxý, Téia, Marié e Curicuriarý, perambulam os Makú, em conflito contínuo com uma tribo do lado do Yapurá, os Guaríua-tapujo (índios Guariba).

Esses Guaríua são chamados equivocadamente de “Makú” pelos brancos do Yapurá, cujas aldeias eles constantemente assaltam, embora digam que eles possuem casas bem construídas, belas roças e uma certa cultura e, por isso, em nada se assemelham aos Makú da região do Rio Negro. Devem ser pessoas altas, bonitas e com uma cor da pele muito clara, como eu pude constatar em algumas crianças capturadas. Infelizmente, elas estavam tão tímidas que não consegui

9 Nota rodapé 2, p. 877: P. Ehrenreich: Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des 20. Jahrhunderts. Archiv für Anthropologie, III, 56, Braunschweig, 1904.

10 Nota rodapé 1, p. 878: Ph. v. Martius: Beiträge zu Ethnographie und Sprachkunde Amerikas zumal Brasiliens, 1, 547, Leipzig, 1867.

11 Nota rodapé 2, p. 878: Th. Koch-Grünberg: Die Indianerstämme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprachliche Zugehörigkeit, Zeitschr. 1. Ethnologie, S. 179/180. Berlin, 1906.

12 Nota rodapé 3, p. 878: Coudreau: a. a. O. II, 163/164. Stradelli: L’Uaupés e gii Uaupés, in: Bollettino della Società Geografica Italiana: III, 445, Roma, 1890.

fazer uma gravação da língua, afim de revelar as trevas que pairam sobre essa grande tribo. Outros Makú aparecem, vez ou outra, na margem esquerda do Baixo Yapurá para trabalhar para os povoadores. Talvez eles sejam parentes dos Makú do Rio Negro.

Em fevereiro 1904, na minha viagem no Curicuríary, infelizmente não encontrei esta gente da floresta. Entretanto, descobri, nas profundezas da floresta, perto das montanhas de mesmo nome, dois acampamentos abandonados, muito primitivos. Eles consistiam de inúmeros abrigos que chegavam apenas a altura de um homem.

Alguns paus eram enfiados na terra em forma piramidal e cobertos com galhos. Nesses refúgios miseráveis, que realmente não merecem o nome de abrigo, vive o Makú com a sua frequentemente numerosa família, exposto às inclemências do tempo como o animal silvestre da floresta.

Esses Makú selvagens usam arco e flechas compridos com diferentes tipos de flechas, entre elas, flechas venenosas com pontas feitas de uma dura madeira de palmeira, zarabatanas com flechas venenosas e clavas; dizem que as tribos do interior ainda usam machados de pedra. Seus utensílios domésticos restringem-se a algumas panelas e bacias grosseiras. Por falta da canoa, eles atravessam o rio nadando ou caminhando pelas partes rasas.

Nos povoados do Médio Rio Negro, conheci alguns indivíduos mansos dessa tribo. Os brancos dali mantêm um contato amigável com esses nômades da floresta e chamam-nos para o trabalho nas florestas de borracha. Deixam-nos buscar as fibras da palmeira piaçaba<sup>13</sup> com as quais torcem as cordas, ou empregam-nos como caçadores ou pescadores. Eles são muito estimados por causa da sua inteligência inata e suas excelentes competências na caça. Sua índole falsa e mentirosa, seu espírito ladrão e a sua tendência para o alcoolismo superam, no entanto, suas qualidades (fig. 3).

Em média, esses Makú são pessoas com estatura baixa, um pouco mais altos que um metro e meio. Os homens possuem geralmente uma aparência feia, rostos cruéis com narizes largos, gordas e marcantes arcadas supraciliares e cabelo desgrenhado; entre as mulheres encontra-se, às vezes, figuras bem modeladas e com traços atraentes.

Encontrei, no Tiquié, um afluente direito do Caiarý-Uaupés, outros Makú que têm uma relação de parentesco linguístico próximo com os da margem direta do Rio Negro. Lá eles vivem subalternos ao poder das tribos residentes Tukáno e Tuyúka (fig. 4.). Um dos caciques Tukáno mais influentes deve empregar umas centenas de pessoas no seu serviço. Muitas vezes, eles são usados como “bodes expiatórios” por essas tribos. Os índios nunca reduzem uma silenciosa doença à uma causa natural, mas a atribuem à vingança oculta do inimigo. Quando morre um Tukáno, o pajé procura o inimigo que causou o veneno da doença através das

13 Nota rodapé 1, p. 879:  
Attalea funifera Mart.

suas invocações e o encontra, geralmente, em um Makú. Os enlutados partem agora para se vingar do “assassinato”, atacam e matam os “criminosos” e roubam mulheres e crianças, as quais vendem a seguir para os brancos. Os missionários franciscanos italianos que trabalhavam no Uaupés há vinte e cinco anos atrás, 1880-1884, tentaram controlar esta maldade com toda força. O cacique da grande aldeia Tukáno da Pary-Cachoeira (corredeira) do Rio Tiqué mostrou-me a parente do seu falecido pai, que foi emitida pelo padre Venancio Zilochi, dirigente das missões do Tiquié naquele tempo. Um parágrafo proibia expressamente a escravatura dos Makú. Hoje, como os índios voltaram à sua vida selvagem, eles esqueceram os bons aprendizados.

Entrarei aqui, em seguida, em uma outra possibilidade, aprofundando a questão das missões antigas e da sua expansão. Tentarei comprovar, ao mesmo tempo, quais perspectivas uma retomada do trabalho missionário teria com este povo forte e facilmente controlável na região do Uaupés e, também, quais vantagens surgiriam na relação humana e no aspecto da ciência.

Finalmente, encontramos inúmeros Makú, linguisticamente da mesma tribo, entre o Alto Caiarý-Uaupés e seus afluentes Papurý e Querarý. Um afluente esquerdo do Papurý é chamado de Igarapé Makú devido a eles. Partindo das suas nascentes, esses índios visitam de vez em quando as margens próximas ao Caiarý-Uaupés trabalhando durante alguns meses no serviço das tribos residentes Uanána e Desána e desaparecem depois, de repente, na floresta (fig. 5).

Como eles vagueiam constantemente e aparecem aqui e ali em bandos pequenos, é impossível determinar, mesmo que aproximadamente, o número de todos os índios que são reunidos sob o nome “Makú”. De qualquer forma, ele é considerável por causa da sua enorme extensão, e onde eles aparecem são tidos como inúmeros.

Minhas três listas de palavras dos Makú do a) Curicuriarý, b) Tiquié, c) Papurý são as primeiras provas linguísticas desse interessante grupo que serão apresentadas ao público. Já em 1831, o excelente viajante austríaco Johann Natterer, como podem mostrar as páginas do seu diário, tinha levantado duas listas de palavras dos Makú do Rio Negro, que infelizmente estão perdidas.<sup>14</sup> Eles descenderam dos Makú do Rio Ija, um afluente do Rio Marié, e dos assim chamados Anodöub-Makú do Rio Téia.<sup>15</sup>

Nos meus registros, a) e b) mostram uma semelhança muito próxima. Muitas palavras são idênticas nas duas línguas ou mostram somente diferenças mínimas, que em parte provocam também dificuldades no registro. Porém, uma grande quantidade de expressões é totalmente diferente, entre elas, muitas palavras importantes para a comparação de línguas, por exemplo, mão, pé, água, fogo e as expressões relacionadas a elas, sol, estrela, casa, homem e outras.

Isso pode ser explicado pelo fato de que a quantidade atual dos Makú

**14 Nota rodapé 1, p. 881:**  
Natterer levantou, no total, 93 listas de palavras que, tirando as cinco publicadas nos “relatos” de Martius (II, 225, 227, 229, 240, 253), sumiram. Provavelmente, elas foram destruídas junto com outras anotações importantes em 1849, durante um incêndio em uma parte do museu Hofmuseum e no escritório do viajante. O espólio inteiro de Natterer que ficou conservado para nós, relatos e diários, foi posto generosamente à minha disposição pela direção do departamento etnológico do Hofmuseum de Vienna, Senhor Deputado Franz Heger.

**15 Nota rodapé 2, p. 881:**  
O nome da tribo “Anodöub” é evidentemente uma palavra pura do Makú e contém a palavra *yehub*, que significa “gente” na língua dos Makú do Tiquié.

representa um conglomerado de restos de tribos com línguas distintas que, em tempos anteriores, possuíam exclusivamente a área toda. Esses primitivos autóctones foram concentrados aos poucos e incorporados entre os Aruak, invasores do norte e noroeste, e entre as tribos do grupo Betoya, vindo mais tarde do oeste e sudoeste.

A distribuição atual das tribos do Alto Rio Negro e seus afluentes deriva, com certeza, do decorrer histórico.<sup>16</sup>

O Makú do Papurý é uma outra evidência da grande variedade dessa população antiga. O registro c) é diferente completamente na maioria das palavras de a) e b); somente poucas expressões mostram um parentesco distante entre aquelas de c) e b), assim como entre c) e a). Porém, principalmente a aparência fonética e a estrutura das palavras conferem tanto nos três registros que, mesmo o Makú do Papurý, ainda com toda reserva, tem que ser incluído nesse grupo.<sup>17</sup>

#### TEORIA DE SONS.

Todas as três línguas têm uma quantidade de sons nasais e guturais. As palavras são articuladas de maneira muito incompreensível e, por conta das terminações consonantais são soltas de maneira curta, quase tímida, quase hesitante, animalesco como a índole desses inferiores habitantes da floresta. Muitos sons são quase imperceptíveis, uma epêntese, que soa quase como um empurrão no nariz e, por pouco, como um *d* ou um *e* fortemente reduzido.<sup>18</sup> Somente consegui registrar as palavras ouvindo atentamente e depois de várias repetições. Assim, esses estudos linguísticos foram uma tortura para ambas as partes. As pessoas cansavam-se rapidamente do esforço insólito e eu devo ficar contente que neste pouco tempo que consegui usar para esse trabalho, recebi material suficiente para esclarecer-me acerca, até certo ponto, dessas línguas até agora desconhecidas.<sup>19</sup>

#### VOGAIS:

*a, e, í, o, u* – igual no alemão.

*ä* – duração. Onde faltam os traços de duração, as vogais articuladas de maneira mais ou menos curta.

*á* – acento tônico.

*ã* – nasalizado. Todas as vogais são nasalizadas.

*e* – *ä* do alemão muito afiado, *ai* do francês.

*ę* – *e* fortemente gutural, quase como *u* em *hut* no inglês.

*o* – sempre gutural, parecido com o português, *o*.

*ø* ou *u* – som dificilmente distinguível entre *o* e *u*, mais para *o*, quase com

#### 16 Nota rodapé 1, p. 882:

Cf. o mapa colorido dos povos em Theodor Koch-Grünberg. Kreuz und quer durch Nordwestbrasilien. Globus, Vol. XC, nº 1 Braunschweig 1906.

#### 17 Nota rodapé 2, p. 882:

Palavras relacionadas em b) e c) são com certeza:

b) *t(i)íbn* = pé

c) *hitíbn* = dedo do pé.

b) *(n)dáb(n)*,

c) *déb*, a) *dép* = carne.

b) *d(e)ú*,

c) *táũ* = carvão.

b) *mói*,

c) *mê* = casa.

b) *(n)dá(u)b*,

c) *(n)dáb(b)* = *Yapú* (passaro).

b) *mó*,

c) *mêũ* = Inambú (perdiz).

b) *yíę*,

c) *yíli(b)* = grama.

b) *uhęd*,

c) *húda* = banana.

b) *kó(u)*,

c) *kęũ* = pimenta.

(Cf. o vocabulário seguinte)

#### 18 Nota rodapé 1, p. 883:

No vocabulário, esta epêntese está geralmente escrita como (e) ou expressa através de um hífen.

#### 19 Nota rodapé 2, p. 883:

Martius (relatos I, 547) junta-os com os Makúna que moram no Apaporis, o maior afluente esquerdo do Yapurá, e fazem parte do grupo Betoya. A. Mochi: 1 popoll dell' Uaupè, em: Archivio per Antropologia e la Etnologia 457/458. Firenze (1902) os confunde com os Makuschí do Rio Branco e os inclui erroneamente no grupo dos Karáibes.

tendência para *u*.

*y* – *i* consonântico como *y* do inglês em *youth*.

() – vogais entre parênteses são fortemente reduzidas, às vezes quase imperceptíveis. Ditongos *ai*, *au*, *oi* igual no alemão.

*oa* – fortemente coarticulados.

*ai*, *au* – articulado separadamente.

#### CONSOANTES:

*b*, *d*, *g*, *k*, *m*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t* – igual no alemão.

*r* – muito raro.

*ɣ* – fricativa gutural suave, quase parecida com *g* do inglês em *good*.

*h* – *h* do alemão em *haben*.

*x* – fricativa gutural articulada no palato mole, parecido com *ch* do alemão em *Nacht*.

*χ* – *ch* do alemão em *nicht*.

*ħ* – *h* gutural parecido com *j* do espanhol.

*ʈ* – som entre *l* e *r*, parecido com *ʈ* do polonês, como um *f* levemente aspirado, muito raro.

*ϕ* – como um *f* levemente aspirado, muito raro.

*w* – *w* leve do alemão, muito raro.

*ŋ* – *ng* do alemão em *Engel*, raro e inseguro.

() – Consoantes entre parênteses são fortemente reduzidos, às vezes quase imperceptível.

Em forma de coda, *n* junta-se em muitas expressões diretamente aos fones suaves *d* e *ɣ* e quase não é separável por meio de um *e* fortemente reduzido e, às vezes, quase imperceptível.

LISTA DE PALAVRAS.

	<b>a.</b> <b>Makú do</b> <b>Rio Curicuriarý</b>  (Registrado com um índio mais velho dessa tribo do povoado do Jucabý na foz do Curicuriarý. Júlio 1903.)	<b>b.</b> <b>Makú do</b> <b>Rio Tiquié</b>  (Registrado com um escravo dos Tukáno na aldeia Tukáno da cachoeira Parý do Rio Tiquié. Abril/Maio 1904.)	<b>c.</b> <b>Makú do</b> <b>Rio Papury</b>  (Registrado com um Makú do Igarapé Makú do Médio Caiarý-Uaupés. Dezembro 1904.)
língua.	<i>noképa.</i>	<i>nokédn.</i>	<i>né(γ)</i>
boca.	<i>nó.</i>	<i>no(t)χídñ.</i>	<i>haytχú .</i>
lábio superior.	-	<i>no(t)χídñboy.</i>	<i>haytχú .</i>
lábio inferior.	<i>nóbék.</i>	-	-
dente.	<i>ták(i).</i>	<i>táyn.</i>	<i>mãú.</i>
nariz.	<i>tóit(e).</i>	<i>toídn; doídn.</i>	<i>uéyna.</i>
narina.	<i>pãumã (i).</i>	<i>toiódn; doiódn.</i>	
olho.	<i>tém.</i>	<i>tapéyn.</i>	<i>kíbnða.</i>
orelha.	<i>kúí.</i>	<i>buitóyn.</i>	<i>munitχú.</i>
lóbulo da orelha.	<i>kúí.</i>	-	-
canal auditivo.	<i>komãí.</i>	-	-
testa.	<i>mokedó.</i>	<i>mek(e)ódn.</i>	<i>mōd-apéyéb.</i>
cabeça.	<i>nú.</i>	<i>nú.</i>	<i>uaitíbn.</i>
crânio.	<i>nóték.</i>	-	-
cabelo.	<i>bá t(a).</i>	<i>pât.</i>	<i>uauyú(γ).</i>
sobrancelhas.	<i>bātíé.</i>	<i>tébnχó .</i>	<i>kíbiná(d).</i>
cílios.	<i>bātíé.</i>	<i>tapéynpât.</i>	<i>kíbnτχαoyú(γ).</i>
barba.	<i>noχúy.</i>	<i>notχúyn.</i>	<i>hatχeyú(γ).</i>
pelos pubianos.	<i>tχárn.</i>	<i>keédpât.</i>	-
bochecha.	<i>nohuáha.</i>	<i>nauá.</i>	<i>mō(d).</i>
queixo.	<i>takpéu.</i>	<i>tchéynmế .</i>	<i>hāytχád(e)i.</i>
ombro.	<i>bã.</i>	<i>tχá(e)t.</i>	<i>mế(χ)pế .</i>
braço.	<i>mĩnó.</i>	<i>(m)bākế .</i>	<i>mế(χ)ná .</i>
antebraço.	<i>χéyb(a).</i>	<i>(m) bākế .</i>	<i>mế(χ)ná .</i>
cotovelo.	<i>χé(y)bodn(ú).</i>	<i>ēyóyn.</i>	<i>mế(χ)tếmõ.</i>
mão.	<i>χéyb(e).</i>	<i>pó.</i>	<i>tế-(t)χα.</i>
costas da mão.	<i>mεχέyb*ó(e).</i>	-	<i>tế-(d)χα.</i>
palma da mão.	<i>mεχέyb*(e).</i>	<i>póhoá.</i>	
dedo.	<i>χoyupíχ .</i>	<i>póχδέ.</i>	<i>tē-tíbn.</i>

unha.	<i>χουβók.</i>	<i>pṓ bó(γ).</i>	<i>tē-tχ́ óa.</i>
perna.	<i>χέγ.</i>	<i>dó(γ).</i>	<i>mế̄ ĩ.</i>
coxa.	<i>hυέ .</i>	<i>dáoγ.</i>	<i>mế̄ ĩ.</i>
parte inferior da perna.	<i>χópó.</i>	<i>keγepú.</i>	<i>υέ̄̄ nã.</i>
joelho.	<i>υāndé.</i>	<i>tχeyedú.</i>	<i>tế̄-mõ.</i>
jarrete.	<i>lá .</i>	<i>dī-dáγn.</i>	-
panturrilha.	<i>χedó.</i>	<i>keł-áb.</i>	*
pé.	<i>tχέ(u)m.</i>	<i>t(i)íbn.</i>	<i>hitχápá(χ)o.</i>
peito do pé.	<i>metχέ(u)mḡ .</i>	-	-
sola.	<i>metχέ(u)mgét.</i>	<i>t(i)íbnχέγ.</i>	-
calcanhar.	<i>tχέ(u)mχέ(u)k.</i>	<i>t(i)íbnd(e)é.</i>	-
dedo do pé.	<i>tχέ(u)mdó.</i>	<i>t(i)íbndpóγn.</i>	<i>hitíbn.</i>
unha do pé.	<i>tχέ(u)mbók.</i>	<i>t(i)íbnbó(γ).</i>	<i>*hitχóa.</i>
corpo.	<i>mēnyúp.</i>	<i>(e)ntχáb.</i>	<i>(m)bóka.</i>
cadáver.	<i>kaχám(a).</i>	-	-
pescoço.	<i>nōhũi.</i>	<i>(e)tχán(ge)n.</i>	<i>oána.</i>
nuca.	<i>huχāχdá(i).</i>	<i>tχén(e)n.</i>	<i>bęnd.</i>
garganta.	<i>ó(n).</i>	-	<i>oana(n)da.</i>
axila.	<i>kombét.</i>	<i>*bākém.</i>	-
omoplata.	<i>pá.</i>	<i>tχád.</i>	-
costela.	<i>χó.</i>	<i>ohó.</i>	-
peito.	<i>hōntek.</i>	<i>m(e)b(e)é.</i>	<i>*dáka, táka.</i>
mamilo (masc.)	<i>pú(e)n.</i>	<i>pódn.</i>	<i>*hó-nda.</i>
seios.	<i>pú(e)n.</i>	<i>pódn.</i>	<i>*yádnhõ.</i>
mamilo (fem.)	<i>pū(e)ndó.</i>	-	-
barriga.	<i>tó.</i>	<i>pédn.</i>	<i>uéda.</i>
umbigo.	<i>pύχ.</i>	<i>pυpú(e).</i>	<i>*nó(b).</i>
cordão umbilical.	<i>*tē(e)bá.</i>	-	-
lateral.	<i>ta(u)má.</i>	-	-
costas.	<i>hũχαχ.</i>	<i>tχί.</i>	-
nádega.	<i>mēnuhé.</i>	<i>yehódn.</i>	<i>(n)dá.</i>
pênis.	<i>oέγ(i).</i>	<i>k(e)éd.</i>	<i>tíma*</i>
glande.	<i>oēγnó.</i>	-	-
saco escrotal.	<i>katéüp.</i>	<i>hatíbn.</i>	<i>*kelitíbn.</i>
testículo.	<i>katéüp.</i>	<i>hatibéγn.</i>	<i>*kelitíbnndo.</i>
membrum muliebre.	<i>bói.</i>	<i>uέγn.</i>	<i>*(n)déi.</i>
vagina.	-	-	*
lábio da vulva.	<i>bōinahũbek.</i>	-	-

clitóris.	<i>áidaiyé.</i>	<i>uéyn.</i>	<i>*yád(n)tíbn.</i>
ânus.	<i>iyēmāī.</i>	<i>yehódn.</i>	-
pele.	<i>bék.</i>	<i>b(o)óy, bóy</i>	<i>*tchá</i>
osso.	<i>kék(e).</i>	<i>ké.</i>	<i>*ídí(b).</i>
sangue.	<i>yé(y) (e abafado)</i>	<i>yí(u); (d)yé(u).</i>	*
veia.	<i>yói.</i>	<i>deχ (e)é̄b.</i>	-
carne.	<i>dép.</i>	<i>(n)dá b(n).</i>	*
coração.	<i>tōú t(e).</i>	<i>hán(g)ueyn</i> <i>(hánueyn).</i>	<i>tchéuinda.</i>
entranhas (fígado, pulmão, estômago).	-	<i>hó.</i>	-
saliva.	-	<i>noχtcháú.</i>	-
urina.	<i>χínéχ</i> <i>(também urinar).</i>	<i>tiré</i> <i>(também urinar).</i>	-
suor.	-	<i>yē̄gūi.</i>	-
lágrima.	-	<i>tabé ynde</i> <i>(água do olho).</i>	-
fezes.	-	<i>yé.</i>	<i>hōñōb-kíd.</i>
respiração.	<i>yuhód(e).</i>	<i>noχodnyeé̄.</i>	-
bico.	-	<i>tχóetoíd(n)</i> <i>(bico de</i> <i>papagaio).</i>	-
rabo de cachorro.	-	<i>nyá m(n)d(e)ūbn.</i>	-
gases.	-	<i>yep(ea)ú(y).</i>	<i>(n)duhú(b),</i> <i>(n)guhúba.</i>
ferida.	-	<i>n(e)é̄.</i>	-
cabeça de peixe.	<i>hābnú.</i>	-	-
rabo de peixe.	<i>hābdúm.</i>	<i>há bd(e)ūbn.</i>	-
barbatana.	-	<i>hābpú.</i>	-
escamas de peixe.	<i>hābék.</i>	-	-
desova.	<i>hābdép.</i>	-	-
cauda de um pássaro.	-	<i>tχóed(e)ūbn</i> <i>(cauda de</i> <i>papagaio).</i>	-
asa.	<i>tquētpát.</i>	<i>tχóeké.</i>	<i>yá(χ)-mēhēōpa</i> <i>(asa de papagaio).</i>
pena.	<i>tipát.</i>	<i>tχóepādn</i> <i>(pena de</i> <i>papagaio).</i>	<i>yá(χ)-(n)yúy</i> <i>(pena de</i> <i>papagaio).</i>

água.	<i>néχ.</i>	(n)dé.	<i>má.</i>
rio.	<i>néχ.</i>	(n)débehí.	<i>mế, uēmế.</i>
riacho.	<i>néχπίχ.</i>	(n)de(χ')dđi.	
fogo.	<i>behāū.</i>	(n)déynhō.	<i>tẹkẹ (d).</i>
fumaça.	<i>behaumếχ.</i>	<i>deyntχeéd.</i>	<i>tẹhẹi (cf. nuvem).</i>
cinza.	<i>beχó.</i>	<i>boytχeá.</i>	<i>tẹhōũ, tẹhố.</i>
lenha.	<i>bedú.</i>	(n)déyn.	<i>tế.</i>
carvão.	-	<i>d(ē)ú.</i>	<i>tẹtấũ.</i>
céu.	-	-	<i>tẹhẹi (cf. fumaça).</i>
nuvem.	-	-	
chuva.	<i>néχ.</i>	(n)de(χ)nění; (n)de(χe)nění.	-
vento.	(n)yōhót.	<i>uhót, u(e)hót.</i>	<i>hу-ti(d).</i>
trovoada.	(n)yōhótpeý.	-	-
cachoeira. <sup>20</sup>	<i>χūχế.</i>	<i>xú.</i>	-
lago.	<i>mố.</i>	(n)de(χ')hoi.	-
raio.	<i>pế(ñ).</i>	<i>pế.</i>	<i>ếnố.</i>
trovão.	<i>pế(ñ).</i>	<i>pế(n)d(e)oi.</i>	<i>ếnókayábuhüb(n).</i>
arco-íris.	-	-	<i>hoyátõ(b).</i>
sol.	<i>χódém.</i>	<i>uerhó.</i>	<i>yeý.</i>
sombra.	<i>hamayuémek.</i>	<i>dúd.</i>	-
dia.	<i>yauét.</i>	<i>uáyn.</i>	<i>yeýhá(u)b.</i>
noite.	<i>tχém; tχém</i>	<i>tχeébnhai.</i>	<i>tχeyíb.</i>
manhã.	<i>nadếb.</i>	<i>uáyndúke.</i>	<i>tχeyé.</i>
meio-dia.	<i>koyót.</i>	<i>mẹhá.</i>	<i>hēneyewú.</i>
noite.	<i>dố.</i>	<i>tχeébnhai.</i>	<i>tχeyé.</i>
lua.	<i>tχémhó.</i>	<i>tχeébnhaiáb.</i>	<i>uidn.</i>
estrela.	<i>tamế.</i>	<i>uermế.</i>	<i>kếtyoa</i>
plêiades.	-	<i>tχấ.</i>	-
via láctea.	-	<i>uērameχ't(e)éd.<sup>21</sup></i>	-
solo.	<i>tχάχ.</i>	<i>tχá(a).</i>	<i>(m)baytχί.</i>
caminho.	<i>tếu.</i>	<i>téu, té(y)u.</i>	<i>uãmã.</i>
montanha.	<i>bấχ</i>	<i>bā(χ')déyn, bā(i) déyn.</i>	<i>hế</i>
floresta.	<i>χά(i)</i>	<i>χuét.</i>	<i>hía.</i>
buraco.		<i>hódn.</i>	
cova.	-	<i>yú(φ)hodn.</i>	-
ilha.	<i>tóno.</i>	<i>hái.</i>	<i>keuá.</i>
praia, areia.	-	<i>uéyn.</i>	<i>ốnế.</i>
pedra.	<i>bấχ.</i>	<i>bấ(i)dō; bấ(χ')dō.</i>	<i>hố.</i>

**20 Nota rodapé 1, p. 888:**  
Correnteza, queda de água.

**21 Nota rodapé 2, p. 888:**  
Aparentemente, essa palavra contém: *ueramế* = “Stern”

vilarejo (cidade).	<i>χενιέμ.</i>	-	-
casa.	<i>táap.</i>	<i>mõi.</i>	<i>mẽ̃</i>
pilar central.	-	<i>dá.</i>	-
entrada.	-	<i>mõ(i)nó.</i>	-
saída.	-	<i>mõ(i)b(e)óy.</i>	-
tamborete.	-	<i>yędn.</i>	-
rede.	<i>yęy(i).</i>	-	-
rede de fibras.	<i>yęy(i).</i>	<i>yáyn.</i>	<i>má; tahámā.</i>
algodão.	-	-	<i>pá(b)m.</i>
rede. <sup>22</sup>	-	<i>hõptchéyn;</i> <i>hõptchéyn.</i>	<i>yęý.</i>
roça.	-	<i>(n)dá(e).</i>	<i>ũáptxi.</i>
cesto grande e raso.	<i>yóı</i>	<i>yóı</i>	<i>ãp(õ)ã.</i>
peneira para mandioca.	-	<i>nõ(χ)pá.</i>	-
peneira com trama fina.	-	-	<i>dúyu(b);</i> <i>doúgu(b).</i>
peneira com trama larga.	-	-	<i>bęóád.</i>
tacho para beijú. <sup>23</sup>	-	<i>(m)bōyá.</i>	-
fogão para o preparo de beijú. <sup>24</sup>	-	-	<i>pęnyę(b).</i>
cesto cargueiro. <sup>25</sup>	-	<i>mái(y)n.</i>	-
tipiti. <sup>26</sup>	-	<i>ĩõ</i>	<i>máıpı</i>
ralador de mandioca.	-	<i>hęb.</i>	<i>(n)dú(d);</i> <i>(n)dūdñá.</i>
moquém (grelha).	-	<i>hõyuábn.</i>	-
abanador.	-	<i>tsé(e)pębn.</i>	-
cabaça.	<i>k(u)bó(y).</i> <i>(= cabaça grande).</i>	<i>(m)bó(y).</i>	<i>mõĩ(d)-txú .</i>
cabaça pequena.	<i>boypıxı.</i>	<i>(n)dúkubo(y).</i>	<i>peyetxı .</i>
panela para cozinhar.	<i>bó(y).</i>	<i>(m)b(o)óy.</i>	<sup>27</sup>
pilão.	-	<i>txõdõydéyn.</i>	<i>yá, yudá.</i>
pau do pilão.	-	<i>txętxáú(e)reyn.</i>	<i>kahádnā.</i>
argila.	-	<i>(n)dáb.</i>	-

**22 Nota do tradutor:**  
Koch-Grünberg se refere aqui a uma rede para a pesca (*Netz*), por exemplo, e não a rede de dormir.

**23 Nota rodapé 1, p. 889:**  
Chapa redonda de argila para assar a massa de mandioca.

**24 Nota rodapé 2, p. 889:**  
Fogão para assar a massa de mandioca, torrar a farinha de mandioca.

**25 Nota rodapé 3, p. 889:**  
Cesto grande e redondo, carregado pelas mulheres com uma faixa em volta da testa.

**26 Nota rodapé 4, p. 889:**  
Mangueira trançada de maneira elástica para espremer a massa de mandioca.

**27 Nota rodapé 4, p. 889:**  
Palavra ilegível na reprodução do texto original.

machado.	<i>mám.</i>	<i>mám.</i> (também machado de pedra)	<i>tχá(y), tχá(y)dá.</i>
faca.	-	<i>ũán.</i>	<i>batikána(d)-ná .</i>
canivete.	-	-	<i>(m)baĩbad-ná .</i>
facão.	-	-	<i>ĩbad; tbad-ná.</i>
terçado.	-	-	<i>bęti-ná.</i>
canoa.	<i>χó(e)</i>	<i>hōréyn.</i>	<i>hãtχú.</i>
remo.	<i>oát.</i>	<i>hōbá.</i>	<i>mená(d).</i>
breu.	-	-	<i>ũé .</i>
arco.	<i>bitχó(y).</i>	<i>y(e)éynb(a)á.</i>	<i>yépātę.</i>
flecha.	<i>bitęęk</i>	<i>mōréyn.</i>	<i>(n)dĩ .</i>
flecha venenosa para caça grande.	<i>uanuó</i>	-	<i>(n)di.</i>
porta-flechas.	-	-	<i>manditχá.</i>
clava.	<i>tá(u).</i>	-	<i>něũn(ě)á.</i>
zarabatana.	<i>sebáy.</i>	<i>(m)b(a)á(y).</i>	<i>ę-na.</i>
boca da zarabatana.	-	-	<i>dá-da.</i>
flecha venenosa para zarabatana.	<i>uaχhút.</i>	<i>uaúd.</i>	<i>tetú.</i>
aljava.	-	<i>uó(y).</i>	<i>tetúsa.</i>
veneno para flecha.	-	<i>néu.</i>	<i>mandyí.</i>
lã para enrolar as flechas.	-	-	<i>pńĩmaχtχa.</i>
vara de pesca.	<i>kalá(i).</i>	<i>(n)dá(e).</i>	<i>őyętp(ő)ã.</i>
linha de pesca.	-	<i>(n)dá(e)té(d).</i>	-
anzol	-	<i>(n)dá(e).</i>	-
cinta.	-	<i>ka(e)té(d).</i> <sup>28</sup>	-
tanga (homem).	<i>yethę</i>	<i>(m)b(o)őbn.</i>	<i>tųtá(b).</i>
pulseira.	<i>χábá t.</i>	-	-
pente.	-	-	<i>bęb(o)á.</i>
chocalho de mão / maracá.	-	<i>dáy.</i>	<i>(n)dád/</i>
chocalho de tornozelo.	-	<i>té(a)bę.</i>	<i>uáya.</i>
flauta.	-	<i>(m)bę.</i>	<i>tχíuna.</i>
cajado esculpido.	-	-	<i>mámānānā.</i>
flauta de vários tubos.	-	<i>(m)bę.</i>	<i>pętohadmá.</i>

28 Nota rodapé 1, p. 890: *ka(e)té(d)* surgiu talvez de *k(e)ed-te(d)* = “corda penal”. Os Makú do rio Marié me contaram que eles amarram o pênis com uma corda para cima.

adorno de penas	-	-	yauyúy.	
grande.			(= pena de arara)	
caxiri. <sup>29</sup>	-	<i>hūdóy(n)</i> .	-	<b>29 Nota rodapé 2, p. 890:</b> Bebida embriagante.
manicuera. <sup>30</sup>	-	<i>yayé</i> .	-	
cachaça. <sup>31</sup>	-	<i>h(a)ób</i> .	-	<b>30 Nota rodapé 3, p. 890:</b> Caldo de mandioca cozida.
dança.	<i>yám</i> . <sup>32</sup>	<i>yá m</i> .	-	
homem.	<i>xót</i> .	<i>é</i>	<i>ká(y)</i> .	<b>31 Nota rodapé 4, p. 890:</b> Aguardente de cana.
gente.	-	<i>yęhub</i> .	<i>kãgõã; kãyõã</i> .	
homem.	<i>xót</i> .	-	<i>ká(y)</i> .	<b>32 Nota rodapé 5, p. 890:</b> Comparar com onça.
pai.	<i>í</i> .	<i>ié, iyé</i> .	<i>pá</i> .	
sogra.	-	-	<i>hũnã</i> .	
mãe.	<i>é</i> .	<i>iã, iyã</i> .	<i>nã</i> .	
sogra.	-	-	<i>tḫedá, tḫetá</i> .	
criança.	<i>teyuté</i>	<i>(n)dor-é</i> .	<i>uébi(d)</i> .	
bebê.	-	-	<i>tḫáma;</i> <i>tḫámamid</i> .	
filho.	-	<i>dé</i> .	<i>uébi(d); uébi(d)</i> .	
neto.	-	<i>aḥ(e)ndú</i>	-	
menino.	-	-	<i>uébi(d)</i> .	
irmão.	-	<i>ó(e)ne, ó(d)(e)ne</i> .	-	
irmão mais novo.	-	-	<i>hēyé</i> .	
irmã.	-	<i>ã(χ)éi</i> .	-	
irmã mais nova.	-	-	<i>hũnã</i> .	
mulher.	<i>ã ĩ</i> .	<i>ãéi, ãéi</i> .	<i>yádn</i> .	
menina.	-	-	<i>né m; nēmbíd</i> .	
filha.	-	<i>dé(e)</i> .	<i>nē(m)bid</i> .	
neta.	-	<i>aḥ(e)nduãi</i> .		
irmão do pai.	-	-	-	
irmão da mãe.	-	<i>nái</i> .	<i>íbi</i> .	
irmã do pai.	-	-	-	
irmã da mãe.	-	<i>ãébn, ãébn</i> .	<i>tḫéá</i> .	
ancião.	<i>oxének(e)</i> .	<i>uá r-e</i> .	-	
anciã.	<i>aiének(e)</i> .	<i>uhé(e)ab</i> .	-	
avô.	-	<i>ié. (cf. pai)</i>	<i>n(é)ũéá; nũéá</i> .	
avó.	-	<i>púę</i> .	<i>etá</i> .	
cacique.	-	<i>mõhóy(e)ab</i> .	<i>mã(m)be</i> .	
branco.	-	<i>tḫáb</i> .	<i>hiuándē</i> .	
pajé.	-	<i>yęhúbnyá m</i> .	<i>kãgõãhiú</i> .	
tabaco.	<i>hót</i> .	<i>hót</i> .	<i>hé(b)</i> .	

fantasma, demônio.	-	<i>d(é)i.</i>	<i>nēmẽ(b).</i>
curupira (fantasma da floresta).	-	<i>báyn.</i>	-
língua. <sup>33</sup>	-	<i>d(e)édn.</i>	
macaco ( <i>Cebus fatuellus</i> ).	<i>yahuáχ.</i>	<i>yahuá(χ).</i>	<i>oá(b).</i>
bugio ( <i>Mycetes</i> ).	-	<i>(n)dóyn.</i>	<i>yugú.</i>
morcego ( <i>Vespertilio</i> ).	<i>χ(e)béχ.</i>	<i>(m)beé , tχebeé ,</i>	<i>něũ.</i>
onça ( <i>Felis onza</i> ).	<i>yamχé.</i>	<i>yám.</i>	<i>hiú.</i>
onça pintada.	<i>yamnó.</i>	-	-
onça parda ( <i>Felis concolor</i> ).	-	<i>yam(n)dó.</i>	<i>hiútχamní;</i> <i>tχamní.</i>
onça preta ( <i>Felis onza</i> ).	-	<i>yamtχ(e)á.</i>	<i>hiúeye.</i>
veado ( <i>Cervus apec.</i> ).	<i>tχó</i>	<i>m(e)hói</i>	<i>ũá .</i>
ariranha ( <i>Lutra brasiliensis</i> ).	<i>iyahók.</i>	<i>yók.</i>	<i>õẽn(e)n.</i>
anta ( <i>Tapirus americanus</i> ).	<i>táχ.</i>	<i>dá.</i>	<i>híuibe.</i>
capivara ( <i>Hydrochoerus capivara</i> ).	-	<i>(n)deχdá.</i>	<i>mẽhíui.</i>
paca ( <i>Coelogenys paca</i> ).	-	<i>me(dn)naú.</i>	<i>kébn.</i>
cutia ( <i>Dasyprocta agutil</i> ).	-	<i>méd.</i>	<i>mế.</i>
pecari, taitetú ( <i>Dicotyles torquatus</i> ).	-	<i>doméd.</i>	<i>tí.</i>
porco do mato. (taiasú) ( <i>Dicotyles tridactylus</i> ).	-	<i>doméd.</i>	<i>mếũa.</i>
bicho-preguiça ( <i>Bradypus tridactylus</i> ).	-	<i>pán.</i>	<i>uét(e)n.</i>

**33 Nota do tradutor:**  
Em alemão, há uma diferença entre *Zunge* (órgão) e *Sprache* (idioma) que correspondem a palavra homônima “língua” em português. Aqui o autor se refere à língua como “idioma”.

quati ( <i>Nasua spec.</i> )	-	tχú.	hí.
tamanduá-mirim ( <i>Myrmecophaga jubata</i> ).	yíuχún.	(m)béyn.	óum.
tamanduá-bandeira ( <i>Myrmecophaga tetradactyla</i> ).	-	yó(e)n.	-
cachorro ( <i>Canis domesticus</i> ).	yãm.	yambé.	méhíu.
ratazana ( <i>Hesperomys spec.</i> ).	-	bí.	-
tatu ( <i>Dasypus spec.</i> ).	-	yé(u).	yú.
tatu grande ( <i>Dasypus gigas Cuv.</i> ).	-	táye(u).	-
esquilo ( <i>Echinomys spec.</i> )	-	ũóbn.	(mb)ará. <sup>34</sup>
macaco-barrigudo ( <i>Lagothrix olivaceus</i> ).	-	ó.	-
sagui ( <i>Callithrix cúprea</i> ).	-	y(o)óyn.	-
boto ( <i>Delphinus spec.</i> ).	-	dái.	-
pássaro.	-	uéd (Passarinho).	(χu)ébē, (χ)ébē.
arara ( <i>Psittacus macao</i> ).	-	yáy.	yáyu.
ararúna ( <i>Psittacus hyacinthinus</i> ).	-	yaydohó.	-
periquito ( <i>Psittacula</i> ).	-	dé(y)ed.	mãyedé; mãyedéõã.
papagaio ( <i>Psittacus spec.</i> ).	-	tsó(e), tχóé.	yá.
mutum ( <i>Crax mitu</i> ).	χéum	tχébn, tχé(u)bn.	ẽĩ.

34 Nota rodapé 1, p. 892: Soa quase como “mard”

jacú ( <i>Penelope marail</i> ).	yéχ´.	yé.	uébe.
cujubím ( <i>Penelope cumanensis</i> ).	-	boadié.	(m)bá i
urubu ( <i>Cathartes foertens lilig.</i> ).	-	ũá .	h(ó)ū(b); hú(b).
tucano (araçari negro) ( <i>Rhamphastus spec.</i> ).	χoyoét.	tχoyoéd.	ní .
maguari (cegonha) ( <i>Cinconia maguari Temm.</i> ).	-	b(e)hóo.	-
coró-coró ( <i>Ibis spec.</i> ).	-	(n)deχkóro.	-
pato ( <i>Anas spec.</i> ).	-	(n)de(χ)pú b.	búbē(o)a.
pomba ( <i>Columba spec.</i> ).	-	hõé.	húb; húbõã.
Galo.	-	uērauéd (também galinha).	mēχ(mb)ái.
carará ( <i>Colymbus ludovicianus.</i> ).	-	(n)de(i)χóyed.	-
japu ( <i>Cassicus cristatus Daud.</i> )	-	(n)dá(u)b.	(n)dá(b).
gavião (abutre) ( <i>Harpia?</i> ).	-	úi.	-
jacamim ( <i>Psophia crepitans L.</i> ).	-	mēmé.	ní (b), mībũá.
garça (Garça branca) ( <i>Ardea spec.</i> ).	mõhõ.	(m)boho.	mãtī.
perdiz (Inambú) ( <i>Crypturus, Tinamus</i> ).	-	mó	mếũ.
beija-flor ( <i>Trochillus</i> ).	-	-	(m)buyú(b).
anacã ( <i>Psittacus versicol. Lath.</i> ).	-	-	d(ę)ébe.

peixe.	<i>há<b>́</b>b.</i>	<i>há<b>́</b>b.</i>	<i>ké.</i>
escamas.	-	<i>hāb(e)óbn.</i>	<i>kē(χ)káya.</i>
espinha.	-	<i>hābd(e)óiyē.</i>	<i>kē(χ)hídñ.</i>
raia.	<i>tχé.</i>	<i>tχ(e)é.</i>	<i>mē(χ)áĩ.</i>
surubi ( <i>Platystoma spec.</i> ).	-	<i>hóue.</i>	<i>kē(χ)mé.</i>
piranha ( <i>Serrasalmo Myletes</i> ).	-	<i>(m)bé(e).</i>	<i>hóã.</i>
jacaré ( <i>Crocodylus sclerops</i> ).	<i>χét.</i>	<i>χád, hád.</i>	<i>ũéú.</i>
tartaruga ( <i>Yabutí (Testudo tabulata</i> ).	-	-	<i>hiaté.</i>
cobra ( <i>Serpens spec.</i> ).	<i>nehé.</i>	<i>mē(χ)bóyn; mē(e) bóyn.</i>	<i>mōł.</i>
tracajá (tartaruga da água) ( <i>Emys Dumeriliana Schweig</i> ).	-	<i>mí.</i>	-
jararaca (cobra venenosa) ( <i>Cophias atrox</i> ).	-	<i>dχé; tχé.</i>	-
puraki (enguia) ( <i>Gymnotus electricus</i> ).	-	<i>(m)b(u)úd.</i>	<i>yěũń.</i>
cobra da água ( <i>Sucuriyú (Boa Scytale</i> ).	-	<i>mēχbóyn.</i>	<i>íp(o)abe.</i>
Rã ( <i>Rana spec.</i> ).	-	<i>tχ(e)á(e).</i>	<i>(m)bēbē.</i>
sapo ( <i>Bufo Agua Daud.</i> ).	-	<i>hohó.</i>	<i>kakápe.</i>
lagarto ( <i>Lacerta spec.</i> ).	-	<i>ó(u).</i>	<i>kəd(n)tχ'á.</i>
iguana ( <i>Yacuruarú (Iguana</i> ).	-	<i>haramó.</i>	-
pirahiba ( <i>Bagrus reticulatus</i> ).	-	<i>mó.</i>	<i>yěńã.</i>

traíra ( <i>Erythrinus spec.</i> )	-	(m)b(o)ói.	-
aracú – espécie	-	pédnhyb.	-
aracú comúm ( <i>Corimbata spec.</i> )	-	u(e)hód.	-
pacu ( <i>Myletes spec.</i> )	-	húhu.	něí
acará ( <i>Sciaeno-idea</i> )	-	(n)d(e)úbn.	-
formiga ( <i>Formica spec.</i> )	-	(n)dúy(e)e.	tiglõã.
cupim ( <i>Termes</i> )	-	(m)b(u)ú.	putúõã.
mosquito ( <i>Culex</i> )	-	(n)d(i)í.	yebé.
abelha.	-	něy(e)au.	
mel.	-	ně.	betú.
gafanhoto ( <i>Locusta</i> )	-	tχ'ó(e)d.	di(g)íb; nęundi(g) ib.
vespa.	-	(n)yó.	uiũã.
borboleta.	-	horé, horé; hor-é.	t(o)ugú; toğú.
lagarta.	-	tχ(o)ób.	-
piolho ( <i>Pediculus capitis</i> )	-	ném.	-
pulga ( <i>Pulex</i> )	-	tχ'ę(e)yáb.	kutúõã.
aranha ( <i>Aranea spec.</i> )	-	(i)yó.	-
câncer ( <i>Cancer Uça L.</i> )	-	tχõhóm.	-
caracol.	-	họén.	-
carrapato ( <i>Ixodes spec.</i> )	-	taχhébñ.	teųyí; teųyíũã.
carrapato minúsculo.	-	-	kełíbutũã.
pium (mosquito) ( <i>Simulium</i> )	-	hú.	-
mutuka (moscardo) ( <i>Tabanus</i> )	-	(m)b(u)ú.	χ(u)ibibé.
bicho-de-pé ( <i>Pulex penetrans</i> )	-	nãn; nã(e)n.	-

tocandira. (formiga) ( <i>Cryptocerus atratus</i> ).	-	uí(u).	hõãmõá .
camarão. barata ( <i>Blarta orientalis</i> ).	-	tχátχέ -	- tátab; tátabõã.
saúba (formiga) ( <i>Atta cephalotes</i> ).	-	-	tχeikéĩõã.
árvore.	beéy.	téynd(e)ú; téynd(e)é .	mãñã.
folha.	-	tχuéd.	nếũ.
ramo.	-	teynd(e)édnau.	
casca.	-	teynd(e)úynbo(y).	mãtχũ.
raiz.	-	dí.	mãñáta.
espinho.	-	teynd(e)úχdũ.	
semente.	-	teynd(e)uχkau.	mãtõte.
resina.	-	teynd(e)úχdãre.	
flor.	-	tχ(e)ó.	mákú .
arbusto	-	teynd(e)ú.	
fruta.	-	teynd(e)úχkau.	mãtõte.
grama.	-	yíe.	yiti(b).
milho ( <i>Zea mais</i> ).	-	heéyn.	hũ.
mandioca ( <i>Manihoc utilíssima Pohl</i> ).	kayáy.	yaydó; kayaydó.	tonité.
farinha de mandioca.	-	tχáy(e)boi.	(m)beyyí.
beijú (panqueca de mandioca).	-	(m)bá.	tχe(u)í.
caxiri (bebida embriagante).	-	hũbdóy(n).	dímáy.
banana ( <i>Musa sapientum L.</i> )	banãra.	uhéd.	hũda.
batata doce ( <i>Batatas edulis</i> ).	koyó.	yó.	kédén.
inhame, cará. ( <i>Dioscorea</i> ).	-	tχ(ã)g̃.	yũá.
pimenta ( <i>Capsicum</i> ).	-	kó(u).	kãũ.

juncus.	-	<i>móreyn (= flecha).</i>	
urucum ( <i>Bixa orellana</i> ).	-	<i>hēju</i>	<i>yutúbõã.</i>
abacaxi ( <i>Bromelia ananas</i> L.).	-	<i>(n)yói.</i>	<i>tχέ.</i>
ingá (Leguminosa).	-	-	<i>mumyib(ę)á.<sup>35</sup></i>
palmeira miriti ( <i>Mauritia flexuosa</i> ).	-	<i>tχ(e)áy.</i>	<i>ę.</i>
palmeira tucum ( <i>Astrocaryum</i> ).	-	<i>tχ(e)éb(e)ed.</i>	<i>yųẹ́b.</i>
palmeira açai ( <i>Euterpe oleracea</i> Mart.).	-	<i>k(e)ēráy.</i>	<i>yenẹ́b.</i>
palmeira pupunha ( <i>Guilieima speciosa</i> ).	-	<i>tχéu.</i>	<i>mę̣ná.</i>
palmeira tucumã ( <i>Astrocaryum Tucuma</i> ).	-	<i>tχ(e)ẹ́b(e)ẹ́yn.</i>	-
abieiro ( <i>Lucuma Caimito</i> DC.).	-	<i>mę̣b(e)ẹ́yn.</i>	-
palmeira pataua ( <i>Oenocarpus Bataua</i> Mart.).	-	<i>uíbn.</i>	-
palmeira bacaba ( <i>Oenocarpus Bacaba</i> Mart.).	-	<i>uá.</i>	-
umarí ( <i>Geoffroya spinosa</i> L.).	-	<i>bẹ́yn.</i>	-
coca ( <i>Erythroxylon Coca</i> Lam.).	-	<i>tχohó.</i>	-
cipó (trepadeira) ( <i>Liana</i> ).	-	-	<i>(n)dẹ́(d).</i>
1.	<i>mẹ́(id).</i>	<i>tãiyábã.</i>	<i>bígñõũ.</i>
2.	<i>tém(id).</i>	<i>(m)b(e)ę̣.</i>	<i>tχę̣nę̣nõũ.</i>
3.	<i>matneụ́p.</i>	<i>móneyuab.</i>	<i>beχkámãñõũ.</i>
4.	<i>χopmãmoáp.</i>	<i>yambá(b)uab.</i>	<i>tχę̣nę̣nã(m)bígñõũ.</i>

**35 Nota rodapé 1, p. 896:**  
 Árvore com seiva leitosa para envenenar peixes = timbó (*Paullinia pinnata* L.)  
 b) (u)dúę c) inųmyinón.

5.	<i>mēexōpoáp(e)</i>	<i>tχãpōuab;</i> <i>tχã(χ)pōuab.</i>	<i>tχēnētē</i> <i>χapúdnia(m)binōũ.</i>
6.	<i>mēexōpoáp(e).</i>	<i>tχα(χ)pōuab.</i>	-
7.	<i>χopōē.</i>	-	-
8.	<i>χopoáp(e).</i>	-	-
9.	<i>χopōáp(e).</i>	-	-
10.	<i>χopōē(e).</i>	-	<i>tēdχabētnēnōũ.</i>
pouco.	-	<i>tēhīb (= pequeno).</i>	<i>(m)bainímbi(d).</i>
muito.	-	<i>yēhupóyn</i> <i>(= muita gente).</i>	<i>(n)dauá;</i> <i>(n)dauápoba.</i>
meio.	-	<i>temetú d.</i>	-
tudo.	-	-	<i>oáikangá -n(e).</i>
eu.	-	<i>ám; á(e)m.</i>	<i>ōēm; ōēmgā-n(e);</i> <i>ōēmgā.</i>
você.	-	<i>ámni.</i>	<i>mēm; mēm-n(e).</i>
ele.	-	<i>háme.</i>	<i>bí(y)-mēn.</i>
nós.	-	<i>á.</i>	<i>tχēχ(e)ehóbnōn(e)</i> <i>ngá?</i>
eles.	-	<i>yed(e)é.</i>	-
meu arco.	-	-	<i>ũiyépatē.</i>
seu arco.	-	-	<i>mīyépatē.</i>
nossa casa.	-	-	<i>ũimē; ũi-mē.</i>
grande.	<i>péy(e).</i>	<i>p(e)hé(i)yed.</i>	<i>(m)betínōũ.</i>
pequeno.	<i>píχ(e).</i>	<i>tēhīb.</i>	<i>(m)bainínōũ.</i>
frio.	<i>kubá.</i>	<i>tú(a)d-e.</i>	<i>ķeķebág(e)nakā.</i>
quente.	<i>χaxíu.</i>	<i>ķe(e)e.</i>	<i>tχābág(e)nakā.</i>
seco.	<i>χó bo(e).</i>	<i>hē bn-ē; (χ)ē bn-ē.</i>	<i>tēt(χ)hōb-bág(e)</i> <i>nakānē.</i>
doente.	<i>yeuméh(e).</i>	<i>pēe.</i>	<i>dote(χ)íbū.</i>
morto.	<i>kaχám.</i>	<i>boháme;bō(χ)</i> <i>áme.</i>	<i>uēama(χ)nakānē;</i> <i>uēama(χ)kānē</i>
bom.	<i>yém.</i>	<i>nāũ.</i>	<sup>36</sup>
mal.	<i>káχ.</i>	<i>hēhē.</i>	<sup>37</sup>
branco.	<i>tohoō(e).</i>	<i>(m)b(a)áyn.</i>	<i>(m)báb(e)ni.</i>
preto.	<i>tχá .</i>	<i>tχ(e)á (= amarelo).</i>	<i>tētáũ (= carvão).</i>
vermelho.	<i>nó(e).</i>	<i>t(e)hé(i)yn.</i>	<i>mē.</i>
azul.	-	<i>tētχ(e)á.</i>	<i>éini.</i>
verde.	-	-	<i>há-ni.<sup>38</sup></i>
amarelo.	-	<i>tχ(e)á (= preto).</i>	<i>(m)bū(χ)ni.</i>
claro.	-	-	<i>ķeķibakámem-na.</i>

**36 Nota do tradutor:**  
Palavra ilegível na reprodução do texto original.

**37 Nota do tradutor:**  
Palavra ilegível na reprodução do texto original.

**38 Nota rodapé 1, p. 898:**  
O travessão é uma parada no nariz, soa quase como (d); nesse vocabulário as vezes designando também com (e).

ontem.	-	<i>tχ(a)ám.</i>	<i>hũt̃n.</i>
amanhã.	-	<i>ũãyedue.</i>	<i>(m)bẽ<sup>39</sup></i>
hoje.	-	<i>deχ' tχ' (e)é .</i>	<i>(m)bẽ<sup>40</sup></i>
direita.	-	-	<i>tẽĩnaká.</i>
esquerda.	-	-	<i>hẽigatman.</i>
aqui.	-	<i>nẽed.</i>	<i>nĩĩhiai.</i>
perto.	-	<i>mãhãb.</i>	<i>kõ(χ)nã .</i>
lá.	-	<i>hód.</i>	<i>kõ; kũ nã.</i>
longe.	-	-	<i>ũẽmbẽdẽbna.</i>
dali.	-	<i>nehãnã.</i>	-
em frente.	-	<i>hód (= lá).</i>	-
atrás.	-	<i>mõixĩ .</i>	-
em cima da casa.	-	<i>mõihio (= casa em cima).</i>	-
na árvore.	-	<i>teynd(e)ũhio (= árvore em cima).</i>	-
debaixo da casa.	-	<i>mõiyéodn (= casa em baixo)</i>	-
dentro da casa.	-	<i>mõitχóa (= casa dentro).</i>	-
sim!	-	<i>hẽ-(ni).</i>	<i>heẽ; heẽ-(nẽ)</i>
não!	-	<i>nĩne; nẽne.</i>	<i>oikangá.</i>
respirar.	-	-	<i>kaaih(e)hẽibú(χ) naga.</i>
realizar o coito.	<i>hamoãñ(e).</i>	<i>hãmén(e)ãngi.</i>	<i>tχãhaignakēh(e)ne; tχãhaignakãn(e).</i>
queimar.	-	<i>teynhõ(ẽ). (cf. fogo).</i>	<i>kquatéd; kquat(é)d.</i>
comer.	<i>hamoéd(e) (cf. beber).</i>	<i>uédn.</i>	<i>hemátedga; hemát(e)dga.</i>
cair.	-	-	<i>bãike(e)hẽ ne.</i>
voar.	<i>nãhãmba.</i>	<i>uqid(e)hãmi.</i>	<i>hi(χ)má(χ)naga.</i>
correr.	-	-	<i>nõ(χ)kãmã(χ) naga</i>
pescar.	-	<i>(n)dá(e).</i>	-
cozinhar.	-	<i>tχéue.</i>	<i>bẽo(b)átéd; bẽo(b)át(e)d.</i>
fritar.	-	<i>nyéuédn.</i>	<i>kquahẽátéd.</i>
lutar.	-	<i>ye(e)hũ(e); ye(e)hũ(e);</i>	<i>mĩymãuãñã.</i>

39 Nota rodapé 2, p. 898:

Várias vezes indicado dessa forma.

40 Nota rodapé 3, p. 898:

Várias vezes indicado dessa forma.

bocejar.	<i>nokã(e)hãbo(e).</i>	<i>noy(e)áí.</i>	-
andar.	-	-	<i>béχna.</i>
escutar.	-	-	<i>huiká-na;</i> <i>mahúiká-na.</i>
tossir.	<i>hõhõ.</i>	<i>ohóde.</i>	-
defecar.	-	<i>ye-áí.</i>	<i>hõnúb; hõnúb</i> (cf. excremento)
escalar.	-	-	<i>hābānbá(χ)na;</i> <i>mānã(di)</i> <i>hābānbá(χ)na.</i>
rir.	<i>noõ(e).</i>	<i>yanehõ(e).</i>	<i>déy-ná.</i> (mãñã-árvore).
urinar.	<i>tχiné χ (cf. urina).</i>	<i>tīré (cf. urina).</i>	<i>kētated.</i>
falar.	<i>hamq̄iduóy(e).</i>	<i>(n)d(e)ēdn̄y(e).</i>	-
remar.	<i>χéóχ(e).</i>	<i>hē(e).</i>	<i>mená.</i>
fumar.	-	<i>hõt(e)õn(e)</i> (hõt = tabaco).	<i>hēb-maina</i> (hēb = tabaco).
sentar.	-	-	<i>tχéd-na;</i> <i>tχéd(e)na.</i>
dormir.	-	-	<i>ẽũná; ẽũnãted.</i>
bater.	-	-	<i>mãu(ẽ)nã;</i> <i>pũkatéd.</i> (cf. matar)
matar.	-	<i>deynhõ(e)</i> (=queimar).	<i>mãũná (cf.bater).</i>
beber.	<i>χamuéd(e)</i> (cf. comer).	<i>éy(e)n(e).</i>	<i>hē(mb)nã.</i>
cortar.	-	-	<i>ĩbihé-ne.</i>
pular.	-	-	<i>yõĩyãba(χ)na.</i>
morrer.	-	-	<i>ũẽnbá(χ)ne</i> (cf. morto)
chorar.	-	<i>óde.</i>	<i>hẽĩnã; hẽĩyáted.</i>
jogar.	-	-	<i>yu-ná.</i>
para a frente.	-	-	<i>tχ ubá(χ)ē-né!</i>

## PRONOMES

### 1. Pronomes pessoais.

b) Sing.	1. <i>ám.</i>	c) <i>õém.</i>
	2. <i>ámni.</i>	<i>mém.</i>
	3. <i>háme.</i>	<i>bi(γ)-mẽn.</i>
Plur.	1. <i>á.</i>	
	2. <i>yed(e)é.</i>	

Os pronomes da terceira pessoa singular “*háme*” e “*bí(γ)-mẽn*” são incertos e podem significar também “o outro”. A sílaba “*biγ-*” encontra-se como elemento principal no numeral “*biγ-nõũ*” – “um” em c). A palavra comprida “*tχéχ(e)-ehób-nhōbn(e)ngá*” para “*nós*” em c) que eu somente recebi do meu informante depois de pensar durante um bom tempo, significa talvez “*nós todos juntos aqui*” ou algo parecido.

### 2. Pronomes possessivos.

Recebi alguns pronomes possessivos somente dos Makú do Papurý, que sugiram evidentemente dos pronomes pessoais.

c) Sing.	1. <i>ũĩ.</i>	<i>ũiyépaté</i>	- meu arco e flecha.
	2. <i>mĩ.</i>	<i>mĩiyépaté</i>	- seu arco e flecha.
Plur.	1. <i>uĩ.</i>	<i>uĩmế</i>	- nossa casa.

A primeira pessoa singular parece ser idêntica com a primeira pessoa plural, pois recebi a mesma informação apesar de ter perguntado várias vezes.

O prefixo pronominal *ũĩ* – “meu” está também contido em *ũé-bid* “criança, garoto, filho”. *bid* é um sufixo diminutivo, com isto *ũé-bid* significaria literalmente algo como “meu pequeno”.

*ti* em a) *ti-pát* em “pena” pode ser um prefixo pronominal da terceira pessoa singular, porque *bát*, *pát*, *pádn* designam “cabelo” e “pena” em a) e b).

## SUFIXO AUMENTATIVO.

O Makú do Papurý compõe o plural através de adição das sílabas –*oa*, –*õã*, –*ũã*; por exemplo *ká(γ)* – ser humano, homem; *káγõã* – gente. *kếtyoa* – estrelas, que normalmente se vê muitas juntas. Com alguns animais, os quais aparecem quase sempre em grande número, recebi, às vezes, a forma pura no singular,

além da forma acrescida de um sufixo, por exemplo *mãyedé*, *mãyedéõã*, periquito, um pequeno papagaio verde que sempre aparece em bandos grandes, *húo*, *húbõã*, pomba; *mí(b)*, *mībũã*, jacamí; *teuyí*, *teuyíũã*, carapato; *tátab*, *tátabõã*, barata. Da mesma forma: *tigíõã*, formiga; *putúõã*, cupins; *nūtũã*, abelhas; *uiũã*, vespas; *kułúõã*, pulgas; *kełíbutũã*, carrapatos pequenos; *hõãmõã*, formigas tocandira; *t̄x̄ek̄eĩõã*, formigas saúba.

#### SUFIXO DIMINUTIVO.

Os Makú do Papurú usam como partícula do diminutivo o sufixo *-bid*, *-bi(d)*. Sobre *ũé-bid* – “criança, garoto, filho”, já foi falado anteriormente na seção dos pronomes possessivos. *(m)bainím-bi(d)* – pouco. A raiz *baini*, que também tem um significado diminutivo, encontra-se também em *baininõũ* – pequeno. *t̄x̄eybí*d – manhã, literalmente *t̄x̄eyib-bid* – “um pouco de noite”. *t̄x̄áma*, *t̄x̄áma-mid* – bebê, na verdade tem que o chamar: *t̄x̄áma(m)bid*, mas o *b* muito suave é muitas vezes articulado junto com uma inserção do *m* e está, em alguns casos, quase imperceptível ao lado dela. *nēm*, *ně(m)-bí*d – menina, filha.

#### SUFIXOS SUBORDINADORES.

Em c) o sufixo *-da* designa uma parte de algo. Ele ocorre principalmente com as partes do corpo humano; por exemplo *oána* – pescoço; *oána(n)da* – garganta. *yádnhõ* – seios (*yádn* – mulher); *hõ(n)da* – mamilo. *ketit̄bn* – saco escrotal; *ketit̄bnda* – testículo; *t̄x̄éuinda* – coração (parte das vísceras). Provavelmente, também fazem parte: *uê da* – barriga; *kí bnda* – olho. Da mesma maneira temos este sufixo partitivo nos nomes para ferramentas representando uma parte de um todo; por exemplo (*yú*, *yũ-aa*) – pilão, o pau do pilão fazendo parte, um sem o outro não tem uso; *t̄x̄ã(y)*; *t̄x̄ã(y)-dá* – machado (isto é a lâmina do machado que forma um todo com o cabo).

Esse sufixo *-da* em c) corresponde ao sufixo *-ęyn* em b); por exemplo *hat̄it̄bn* – saco escrotal, *hat̄it̄bévn* – testículo; *hán(g)uęyn* – coração; *tapęyn* – olho.

#### SUFIXO INSTRUMENTAL.

Um sufixo instrumental que pode ser acrescido aos nomes de ferramentas parece ser *-na* em c). Por exemplo *(n)dúd*, *(n)dūd-ná* – ralador de mandioca. *kahád-nā* – pau de pilão. *batiká-na(d)-ná* – faca. *łbad*, *łbad-ná* – terçado pequeno, *bełti-ná* – facão. *baiłbad-ná* – canivete (*bai* – pequeno; *łbad* – terçado.)

#### SUFIXO *-tíbn*.

Uma quantidade de expressões para partes do corpo humano em c) tem um sufixo *-tíbn*, cujo significado exato não consigo constatar, mas que remete talvez para “algo que é saliente do corpo”; por exemplo: *uai-tíbn* – cabeça; *tē-tíbn* – dedo; *hi-tíbn* – dedão. (b) *t(l)íbn* – pé.) *keṭi-tíbn* – saco escrotal. (b) *ha-tíbn*). *yádn-tíbn* – clitóris. (*yádn* – mulher.)

#### SUFIXOS VERBAIS.

Do mesmo modo, o significado dos sufixos *-ted* e *-na* em muitos verbos de c) está incerto, os quais ocorrem de vez em quando um ao lado do outro e que são terminações de conjugação; por exemplo: *ēñná*, *ēñnáted* – dormir. *hēñná*, *hēñnyáted* – chorar. *mañ(ē)ñá*, *pūkatéd* – bater entre outras.

#### COMPOSIÇÃO DE PALAVRA.

Em todas as três línguas ocorrem inúmeras composições de palavras. Primeiramente, dois substantivos podem ser juntados, dos quais um está subordinado ao outro ou a uma parte do outro. O substantivo superior, que está sempre anteposto, dá a determinação mais próxima ao subordinado posposto, por exemplo:

Partes do corpo:

- a) *hāb-nũ* – cabeça de peixe. *hāb-dúm* – rabo de peixe. *hābék* (na verdade: *hāb-bék*) – escama de peixe. *hāb-dép* – desova.
- b) *tχóe-toidn* – bico de papagaio (literalmente: nariz do papagaio). *tχóed(e)úbn* – cauda de papagaio. *tχóe-ké* – asa de papagaio. *tχóe-pādn* – pena de papagaio. (n) *yá m-(n)d(e)úbn* – rabo de cachorro. *hā b-d(e)úbn* – rabo de peixe. *hāb-pú* – barbatana de peixe. *hāb(e)óbn* – escama de peixe. *hāb-d(e)ó yē* – espinha de peixe.
- c) *yádn-hõ* – seios. *uēda-dēb* – carne (literalmente: carne de barriga.) *yau-yúr* – grande adorno de cabeça de penas de arara (literalmente: pena de arara). *ya(χ)-mēhēōpa* – asa de papagaio. *ya(χ)-(n)yúr* – pena de papagaio. *kē(χ)-kaya* – escama de peixe. *kē(χ)-híd n* – espinha de peixe. Outras composições temos nas expressões para cada parte da mão e do pé em todas as três línguas.

Partes da árvore:

b) (*téxnd(e)ú*, *téxnd(e)é* – árvore.) *teṣnd(e)é-d-nau* – ramo. *teṣnd-(e)ú-y<sub>x</sub>n-bo(ṣ)* – casca. *teṣnd-(e)ú-χ-dū* – espinho. *teṣnd-(e)ú-χ-kau* – fruta, semente. *teṣnd-(e)ú-χ-dāre* – resina.

c) (*mānā* – árvore). *mā-tχū* – casca. *mā-náta* – raiz. *mā-tolē* – fruta, semente. *mā-kú* – flor. Nisso precisa-se reparar a abreviação que a palavra superior sofre na composição e que é muito frequente em c). Todas as expressões para “fogo” e seus elementos são composições em b) e c), nas quais a palavra “madeira, lenha” forma o substantivo superior.

b) (*déxn*, *téxn* – madeira, lenha). *déxn-hō* – fogo. *deṣntχeéd* – fumaça.

Daí se infere que a expressão para “árvore” – *téxn-d(e)ú*, *téxn-d(e)é* é uma composição.

c) (*té* – madeira, lenha). *tē-ké(d)* – fogo. *tē-héi* – fumaça. *tē-hōū* – cinzas. *tē-tāū* – carvão.

Do mesmo modo age:

a) *beér* – árvore. *be-dú* – lenha. *be-hāú* – fogo. *be-hau-méχ* – fumaça. *be-χó* – cinza. Todas essas expressões têm a sílaba principal *bē* em comum. *-dú* em *be-dú* é comparável com *-d(e)ú* em b) *téxnd(e)ú* – “árvore” e *dú* – “ pilar da casa”.

Encontra-se as seguintes composições de palavras com (*n*)*dé* – “água” como elemento principal em b): (*n*)*dé-behí* – rio. (*n*)*de-(χ)-dāí* – riacho. (*n*)*de(χ)nēni* – chuva. (*n*)*de(χ)-hoi* – lago.

a) tem a mesma palavra para “água, rio, chuva”: *néχ*; c) para “água, chuva”: *má*, enquanto recebi *mē*, *uēmē* para “rio”.

Curiosamente, a) tem a mesma expressão para “montanha, pedra, céu”: *bāχ*.

Do mesmo modo, *hē* em c) designa “montanha, pedra, céu”, de modo que um erro durante o questionamento pode ser excluído. Também em b) essas três expressões têm a sílaba principal “*bāχ*” em comum: *bāχ* – céu, *bā(χ)-déxn* – montanha, *bā(χ)-dō* – pedra. “*bā(χ)-déxn*” é provavelmente explicável como uma “pedra, montanha (*bāχ*)”, que está coberta com madeira (isto é floresta *déxn*). Como substantivo subordinado, encontra-se para a mais profunda explicação da palavra principal “*déxn*” também em b): *tχōdōṣ-déxn* – “pilão”, isto é” o pilão (*tχōdōṣ*), que é feito de madeira (*déxn*).”

Várias vezes, duas expressões que conceitualmente não têm nada em comum, são unidas em uma palavra e formam um conceito totalmente novo, que está relacionado de certa forma com suas ambas partes; por exemplo: b) *tapéxn-pāt*, c) *kíbnτχα-o-yú(ṣ)* – pelo do olho = cílio. b) *keéd-pāt* – pelo do pênis = pelos pubianos.

a) *no-χύϝ*, b) *no-t-χύϝn*, c) *hatχe-yú(ϝ)* – pelo da boca = barba.

Nisso considera-se que em a) e b) duas expressões para “pelo” ocorrem uma ao lado da outra: *pãtundχύϝ*, *χύϝn* que talvez pode servir como prova para a fusão das línguas Makú. *χύϝ* é evidentemente idêntico com c) *yú(ϝ)*.

c) *uḡé-dé(b)*, surgido de: *uḡēnā-déb* – carne da tíbia = panturrilha. Aqui temos novamente a abreviação da primeira palavra na composição.

a) *oḡϝ-nó* – cabeça do pênis = glândula.

b) *tapéϝn-de* – água do olho = lágrima. *ka(ε)-té(d)*, provavelmente mais correto: *keḡd-té(d)* – corda peniana = corda da cintura<sup>41</sup>). *(n)dá(e)-té(d)* – linha de pesca. *uḡramḡ-χ-t(e)éd* – corda de estrela = via láctea; talvez também “cipó estrela”, porque “Cipó”<sup>42</sup>) a “corda natural”, em b) chama-se *dḡ(d)*; uma imagem de palavra muito bonito. *mō(i)nó* – boca da casa = entrada.

b) *yḡhúbn-yám*, c) *kāḡḡō-hiú* – homem onça = pajé.

Essas designações apontam para as características de lobisomem do pajé, que consegue transformar-se em um jaguar.<sup>43</sup>

A terminação *-odn*, *-hodn* que algumas palavras em b) têm, aponta para o conceito “buraco”; por exemplo: *(hódn* – buraco), *toi-ódn* – narina, *(toídn* – nariz), *ye-hódn* – ânus, *yú(φ)-hodn* – cova; evidentemente *yḡhúb-hodn* – “buraco das pessoas”.

Esse *-hodn* corresponde em a) *-mḡi*; por exemplo: *pḡy-mḡ(i)* – narina, *ko-mḡi* – buraco do ouvido, *(kúí* – orelha), *iyē-mḡi* – ânus, e em c) *-i(d)*; por exemplo *í(d)* – ânus, *tḡāhānd-i(d)* – vagina.

De maneira parecida comporta-se a terminação *-bḡk*, *-bok*, *boϝ*, *bo(ϝ)*, que se encontra em muitas palavras em a) e b) e expressa o conceito comum “proteção, cobertura”; por exemplo

a) *bḡk*, b) *b(o)óϝ*, *bóϝ* – pele.

a) *nō-bḡk*, b) *no(t)zíd-n-boϝ* – proteção da boca = lábio.

a) *χḡy-bók* (na verdade: *χḡyub-bók* oder *χḡyub-bók*) – proteção da mão, proteção do dedo = unha.

b) *pō-bó(ϝ)* – proteção da mão, proteção do dedo = unha.

a) *tḡḡ(u)m-bók*, b) *t(i)íbn-bó(ϝ)* – proteção da mão, proteção do dedo = unha.

a) *bōi-nahú-bḡk* – lábios vaginais (*bōi* – *membrum muliebre*).

a) *hābḡk* (na verdade: *hāb-bḡk*) – escamas do peixe.

a) *k(u)-bó(ϝ)*, b) *(m)bó<sup>44</sup>* – cuia grande.

a) *boϝ-piχ*, b) *(n)dúku-bo* – cuia pequena.

a) *bó(ϝ)*, b) *(m)b(o)ó(ϝ)<sup>45</sup>* – panela.

b) *teϝnd(e)ú-ϝn-bo(ϝ)* – casca de árvore.

b) *mōi-b(e)óϝ* – saída de casa (?). Essa palavra designa provavelmente a porta basculante com a qual a casa é fechada. Aqui pertence evidentemente também

a) *hamayuḡm-bḡk* – sombra, sem poder determinar a relação mais profundamente.

**41 Nota rodapé 1, p. 904:**

Os Makú selvagens da margem direita do Rio Negro contaram-me que eles amarram o pênis para cima por meio de um fio.

**42 Nota rodapé 2, p. 904:**

*Cipó* (*Sipó*) é uma trepadeira muito resistente que é principalmente usada pelos índios para amarrações.

**43 Nota rodapé 3, p. 904:**

Por isso, o pajé é conhecido nas tribos restantes dos Uaupés como jaguar: Tukáno: *yḡj*; Uanána: *yáiro, yáido*; Kobéua: *yauú*; Táriána: *yauí*

**44 Nota rodapé 1, p. 905:**

*bó(ϝ)* provavelmente com *ϝ* fortemente reduzido; significa simplesmente “casca” porque as cuias grandes são feitas das cascas da abobora ou da *Crescentia Cujete* L.

**45 Nota rodapé 2, p. 905:**

O nome é provavelmente transferido pela panela de barro por causa da semelhança com a cuia, que os Makú conheceram somente mais tarde como o cozinhar em si. Antigamente eles certamente fritavam tudo.

Esse *-bok, -bək, -box* corresponde em c) *-tχú, -tχóa*; por exemplo: *tχú* – pele, *haχ-tχú* – lábio, *muni-tχú* – orelha (isto é concha da orelha), *tē-tχóa* – unha do dedo, *hi-tχóa* – unha do pé, *mōi(d)-tχú* – cuia grande, *pēye-tχú* – cuia pequena, *mā-tχú*<sup>46</sup>) – casca de árvore, *hã-tχú* – canoa.<sup>47</sup>)

46 Nota rodapé 3, p. 905: Na verdade: *mānā-tχú*.

#### ATRIBUTO.

O adjetivo é posposto ao seu substantivo; por exemplo a) *χου-piχ* (na verdade *χόυb-piχ* oder *χέυb-piχ*) – mão pequena = dedo, *νεχ-piχ* – rio pequeno = riacho, *(n)yōhōt-péχ* – vento grande = tempestade, *boχ-piχ* – cuia pequena, *yam-nó* – jaguar vermelho,<sup>48</sup> b) *yam-tχ(e)á* – jaguar preto.

47 Nota rodapé 4, p. 905: Originalmente, designa somente uma canoa feito de casca de árvore.

48 Nota rodapé 1, p. 906: A onça pintada: *Felis Onza*; língua geral: *yauareté piránga* — onça vermelha.

#### Expressões onomatopaicas.

Em todas as três línguas ocorrem expressões onomatopaicas principalmente com nomes dos animais que são imitados em acordo com o grito do respectivo animal e mostram, em parte, excelentes imitações que não são um milagre com estas pessoas da floresta e caçadores magníficos; por exemplo c) *(n)duhú(b)* – gases; a) *pé(n)*, b) *pé* – raio, trovão;<sup>49</sup> c) *hiú* – jaguar, *hi* – quati; a) *χόρεt*, b) *tχόρεd* – tucano; a) *χέum* mutum; b) *úi* – abutre; a) *hōhō*, b) *o-hóde* – tossir.

49 Nota rodapé 2, p. 905: Designa provavelmente o trovão forte. Eles imitam também o tiro da espingarda com essa mesma palavra.

#### Palavras estrangeiras.

Algumas palavras são emprestadas das tribos vizinhas que pertencem ou, como os Tariána a as tribos do Içána-Aiarý, no grupo Aruak, ou como os Tukáno, Kobéua e Desána, no grupo Betoya; por exemplo: b) *bí* – rato (Tukáno: *bií*), c) *máti* – garça branca (Tariána e Aruak do Içána: *máti*), *bēbē* – rã (Kobéua: *bēbēko* – sapo), *uiũá* – vespas (Kobéua: *utíua*), *nāmá* – caminho (Tukáno, Kobéua: *má*), *éno* – raio (Aruak do Içána: *énu, éno* – céu, raio, trovão).

A designação: *(n)de(i)-χόρεd* – tucano da água - Carará (*Colymbus ludovicianus*) corresponde em Tukáno: *οχκό-daxse*, em Desána: *deχκό-naχ(t)sĩ*, que significa exatamente a mesma coisa.

---

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a nossos interlocutores e interlocutoras hupd’äh, yuhupdêh e dâw, e especialmente a Américo Socot (Hup), Américo Araújo (Yuhup) e Dora Dâw pelas questões colocadas com relação aos usos do termo “Maku”. É importante agradecer também ao Professor Doutor Renato Athias que fez considerações iniciais fundamentais sobre o projeto de tradução. Gostaríamos também de agradecer a Thiago Magri Benucci pela revisão do português e a Daniel Jabra pela discussão sobre questões relacionadas à tradução do alemão para o português. Agradecemos também aos comentários dos membros do grupo de estudos da Antropologia e Linguística (GEAL) da Universidade de São Paulo, e em especial aos Professores Doutores Leland McCleary e Evani Viotti, para os quais apresentamos uma primeira versão da tradução. Por fim, agradecemos aos colegas do projeto *Contato e Mudança Linguística no Alto Rio Negro* (Fapesp; U. Texas), especialmente às Professoras Doutoras Luciana Storto e Patience Epps, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO FERREIRA, Alice Maria

2014 “O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Leví-Strauss tradutor em *Tristes Tropiques*”. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, vol. 36, n. 4: 383-393.

ATHIAS, Renato

1995 *Hupdah-Maku/Tukano: Les Relations inégales entre deux sociétés du Uaupés Amazonien (Brésil)*. Paris, Tese de doutorado, Université de Paris X.

BECERRA, Gabriel; CALVO, Carlos e RUBIO, Dany

1996/1997 “Los Maku del noroeste amazônico”. *Revista Colombiana de Antropología*, Bogotá, D.C., vol. 33: 85-132.

BOLAÑOS, Katherine e EPPS, Patience

2009 *Linguistic Classification of Kakua, a Language of Northwest Amazonia*. Paper apresentado na confêrencia CILLA-IV, The University of Texas at Austin.

(no prelo) *Reconsidering the ‘Makú’ language family of Northwest Amazonia.*

COUDREAU, Henri Anataole

1887 *“La France équinoxiale”. Vol. 2 – Voyage à travers  
les Guayanes et l’Amazone*, Paris.

DESCOLA, Philippe

1986 *La Nature domestique*. Paris, Editions de la  
Maison des sciences de l’homme.

EMST, Pvan

2010 “Sometimiento voluntario”. In BECERRA, G. (org.). *Viviendo en el  
bosque*. Medellín, Ed. Universidad Nacional de Colombia.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

2017 Disponível em: < [https://pib.socioambiental.org/  
pt/povo](https://pib.socioambiental.org/pt/povo) >, Acesso em: 11 de junho de 2017.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor

[1909] 2005 *Dois anos entre os indígenas*. Manaus, EDUA/FSDB.

2006 *Do Roraima ao Orinoco*. São Paulo, Ed. Unesp.

[1906] 2010 “Die Maku”. In BECERRA, G. (org.)., *Viviendo en el  
bosque*. Medellín, Ed. Universidad Nacional de Colombia.

2010 *Petróglifos sul-americanos*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

KRAUS, Michael

2004 “Y cuándo finalmente pueda proseguir, eso solo lo saben los  
dioses”. *Boletín de Antropología*, Medellín, v. 18, n. 35: 192-209.

LEWANDOWSKI, Bartosz

2004 “The Heterogeneity of Individual Languages as a Translation  
Problem”. In KITTEL, H. (org.). *Übersetzung - Translation-  
Tradition. 1. Halbband*. Stuttgart, Walter de Gruyter.

MARQUES, Bruno

2009 *Figuras do movimento: os Hupda na literatura etnológica do Alto Rio  
Negro*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, Museu Nacional.

MÉTRAUX, Alfred

1963 “The Hunting and Gathering Tribes of the Rio Negro Basin”. In STEWARD, J. (org.). *Handbook of South American Indians*. Nova York, Ed. Cooper Square Publishers.

MÜNDEL, Mark

1969/1972 “Notas preliminares sobre os Kabori (Makú entre o Rio Negro e o Japurá)”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol.17/20: 137-181.

NIMUENDAJÚ, Curt

1982 *Textos indigenistas*. São Paulo, Ed. Loyola.

RAMOS, Alcida et al.

1981 *Hierarquia e simbiose*. Brasília, Hucitec.

RAMOS, Danilo

2013 *Círculos de coca e fumaça: encontros noturnos e caminhos vividos pelos Hupd'äh*. São Paulo, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

REID, Howard

1979 *Some Aspects of Movement, Growth and Change among the Hupdu Maku Indians of Brazil*. Cambridge, tese de doutorado, University of Cambridge.

REIß, Katharina

1995 *Grundfragen der Übersetzungswissenschaft: Wiener Vorlesungen*. Wien, WUV-Univ.-Verlag.

SILVA, A. Brüzzi Alves

1962 *A civilização indígena do Uaupés*. São Paulo, Centro de pesquisas de Iauareté.

SILVERWOOD-COPE, Peter

1990 *Os Maku: povo caçador do noroeste da Amazônia*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília.

TASTEVIN, Constant

2008 “Os Makú do Japurá”. In TASTEVIN, C. *Tastevin e a etnografia indígena*. Rio de Janeiro, Ed. Museu do Índio.

WALLACE, Alfred Russel

[1889] 1972     *A Narrative of Travels on the Amazon and  
Rio Negro*. Reprint. Nova York, Dover Ed.